

# Renovando *a* Mente

Vincent Cheung

Título do original:  
*Renewing the Mind*

Copyright © 2002 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Publicado originalmente por *Reformation Ministries International* ([www.rmiweb.org](http://www.rmiweb.org))  
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto.

Primeira edição em português: *Outubro de 2006*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>3</b>
<b>1. CONSELHO ÍMPIO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. RENOVANDO A MENTE .....</b>	<b>11</b>
<b>3. SOMENTE DEUS É BOM .....</b>	<b>18</b>
<b>4. BELEZA IMPERECÍVEL .....</b>	<b>24</b>
<b>5. TEOLOGIA DE GUERRA .....</b>	<b>43</b>

## PREFÁCIO

Aqui temos uma coleção de cinco breves ensaios. Embora escritos independentemente, eu os arranjei numa ordem que parecem exhibir uma coerência e propósito.

Argumentando que a neutralidade intelectual não existe, o primeiro capítulo usa o Salmo 1 como base para ilustrar que todas as idéias são cristãs ou não-cristãs. O crente não deve prestar atenção ao conselho do mundo, mas deve estudar a Escritura para sabedoria e direção.

A conversão envolve uma mudança fundamental de comprometimento intelectual na pessoa. Ao invés de ser um amigo do mundo e um inimigo de Deus, ele agora é favorável aos preceitos de Deus e hostil às idéias seculares. Contudo, embora sua disposição básica tenha sido mudada, sua mente não compreendeu ainda todo o sistema da verdade cristã e suas implicações. Este é o porquê o desenvolvimento cristão, ou o processo de santificação, é primeiro uma renovação intelectual. Este é o tópico do segundo capítulo.

O restante do livro fornece vários exemplos de como as implicações dos ensinamentos bíblicos se desenvolvem em áreas tais como pecado, a divindade de Cristo, a escolha de uma esposa e pena de morte.

## 1. CONSELHO ÍMPIO

Um versículo muito citado em Provérbios diz: “Onde não há conselhos, o povo cai; mas na multidão de conselheiros, há segurança (11:14, KJV). Estas palavras são usadas para ensinar que o cristão deveria considerar o conselhos de outros quando tomando decisões importantes; alguns usam-nas para justificar suas tentativas de impor suas sugestões retardadas sobre suas vítimas. Embora, como a NIV o traduz,<sup>1</sup> o significado do versículo se refira mais à guerra do que tomada de decisão pessoal, poucos perceberão o princípio como completamente inaplicável. Além disso, pelo menos um outro versículo em Provérbios reafirma o ensino, aparentemente sem limitá-lo à guerra: “Os planos fracassam por falta de conselho, mas são bem-sucedidos quando há muitos conselheiros” (15:22).

Isto não quer dizer que os crentes devem acolher sugestões de outros sem discriminação. O Salmo 1 começa assim: “Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores!” (v. 1). Ou, para tornar o paralelismo no versículo explícito:

Como é feliz aquele  
que não  
                  (1) segue o conselho dos ímpios  
ou  
                  (2) imita a conduta dos pecadores  
ou  
                  (3) se assenta na roda dos zombadores

Embora não tenha objeção quanto a tomar as três frases acentuadas como equivalentes em linhas gerais, algo poderia ser dito a favor do entendimento que elas ilustram os estágios progressivos de impiedade, no qual alguém se desvia de Deus entra. Com cada estágio, o ímpio se torna mais resoluto e sua hostilidade contra a justiça aumenta.

O caminho em direção à apostasia e perdição começa quando alguém dá atenção “ao conselho dos ímpios”. Isto é suficiente para restringir a aplicação dos dois versículos de Provérbios citados acima. Embora devamos prestar atenção ao conselho dos outros, a Bíblia exclui o conselho ímpio, e afirma que o justo afasta-se de tal conselho.

O conselho do ímpio é às vezes explícito e gráfico:

Meu filho, se os maus tentarem seduzi-lo, não ceda! Se disserem: “Venha conosco; fiquemos de tocaia para matar alguém, vamos divertir-nos armando emboscada contra quem de nada suspeita! Vamos engoli-los vivos, como a sepultura engole os mortos; vamos destruí-los inteiros, como são destruídos os que descem à cova; acharemos todo tipo de objetos valiosos e encheremos as nossas casas com o que roubarmos; junte-se ao nosso bando; dividiremos em

<sup>1</sup> “Sem diretrizes a nação cai; o que a salva é ter muitos conselheiros” (Provérbios 11:14, NVI). N. do Tradutor: A NIV traduz o versículo da mesma forma.

partes iguais tudo o que conseguirmos!” Meu filho, não vá pela vereda dessa gente! Afaste os pés do caminho que eles seguem, pois os pés deles correm para fazer o mal, estão sempre prontos para derramar sangue. Assim como é inútil estender a rede se as aves o observam, também esses homens não percebem que fazem tocaia contra a própria vida; armam emboscadas contra eles mesmos! Tal é o caminho de todos os gananciosos; quem assim procede a si mesmo se destrói. (Provérbios 1:10-16).

Esperamos que aqueles que se chamam cristãos saibam não seguir este tipo de convite, embora frequentemente nos surpreendamos neste respeito. A mensagem distorcida do evangelho, pregada por muitos hoje, é a responsável pelo grande número de falsos convertidos em nossas igrejas. Ainda, até mesmo alguns incrédulos recusam seguir criminosos.

Nem todo conselho ímpio é claramente adverso à fé bíblica. Começando a partir de qualquer *a priori* ou *telos* não-cristão, qualquer processo válido de raciocínio resulta em propostas que são questionáveis. Podemos obter vários exemplos de Jeffrey J. Fox, em seu livro *How to Become CEO*,<sup>2</sup> no qual o autor dá várias “regras para se chegar ao topo de qualquer organização”.<sup>3</sup>

Um aspecto reanimador deste livro é o seu rompimento com o senso comum corporativo. O “senso comum” é superestimado. Alguém frequentemente ouve a exclamação: “Isto é apenas o senso comum!” Mas este é frequentemente o porquê o curso de ação proposto não deve ser seguido. Em linguagem ordinária, o termo significa “julgamento prático sadio que é independente de conhecimento especializado, treinamento, ou algo semelhante; inteligência nativa normal”.<sup>4</sup> Mas estou encantado e contente por achar minha definição de “senso comum” no *Merriam-Webster*: “As opiniões irrefletidas de pessoas ordinárias; julgamento sadio e prudente, mas frequentemente rudimentar”.<sup>5</sup>

Baseado em qualquer uma das definições do termo, objeto à noção popular, afirmada mesmo entre alguns teólogos, que o Livro de Provérbios é uma compilação de máximas do “senso comum”. Alguns dizem que uma grande porção de Provérbios, ou mesmo outras partes da Escritura, é apenas “simples senso comum”, como se este fosse um argumento para os seus ouvintes seguirem a Bíblia. Mas para quantas pessoas é senso comum pensar que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é entendimento” (Provérbios 9:10)? Mesmo cristãos professos falham em entender que a devoção a Deus deve começar e permear a busca de sabedoria e conhecimento.

Em nossos dias, o senso comum rejeita a própria noção que “a insensatez está ligada ao coração da criança...” (Provérbios 22:15). O versículo ensina a depravação humana, que a insensatez está “ligada” até mesmo aos corações daqueles supostamente menos corrompidos pelo mal. Mas o senso comum contemporâneo nos

<sup>2</sup> Jeffrey J. Fox, *How to Become CEO*; New York: Hyperion, 1998.

<sup>3</sup> Nota do tradutor: No Brasil, publicado pela Editora Moderna com o título: “Como Se Tornar Um Grande Chefe, Patrão ou Gerente!”.

<sup>4</sup> *Webster's Unabridged Dictionary of the English Language*; New York: Random House, Inc., 2001.

<sup>5</sup> *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary, Tenth Edition*; Springfield, Massachusetts: Merriam-Webster, Incorporated, 2001.

diz que todo o mundo, e especialmente a criança, nasce inocente e inerentemente boa. Esta premissa anti-bíblica resulta em currículos escolares que maximizam a auto-expressão da criança ao invés da autodisciplina. Uma filosofia de educação cristã deve enfatizar as instruções verbais e a excelência moral, não a participação do estudante e a criatividade desenfreada.

E certamente, se a criança é inerentemente inocente e boa, o castigo físico constitui abuso, e não disciplina. Assim, uma negação da primeira porção de Provérbios 22:15 também necessita de uma rejeição da segunda parte: “A insensatez está ligada ao coração da criança, mas *a vara da disciplina a livrará dela*”. Segue-se que Provérbios 13:24, 23:13-14 e 29:15 são todos descartados como falsos e primitivos: “Quem se nega a castigar seu filho não o ama; quem o ama não hesita em discipliná-lo”; “Não evite disciplinar a criança; se você a castigar com a vara, ela não morrerá. Castigue-a, você mesmo, com a vara, e assim a livrará da sepultura”; “A vara da correção dá sabedoria, mas a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe”.

A Bíblia é oposta ao que o homem pecador pensa. Provérbios, assim como o restante da Escritura, não ensina o senso comum – ele o refuta. Em ambas as definições do termo, a Bíblia rejeita o senso comum – a “inteligência nativa normal” foi avariada pelos efeitos noéticos do pecado, e nenhum cristão crê que a Bíblia ensina “as opiniões irrefletidas de pessoas ordinárias”. A Escritura é a revelação verbal divina, não o senso comum.

Contudo, mesmo sem a objeção religiosa, a “inteligência nativa normal” nem sempre chega às mesmas conclusões, embora um consenso ingênuo seja frequentemente alcançado pela maioria. Fox sugere várias regras para se desviar do senso comum da cultura corporativa, e eu o aplaudo por isso. Por exemplo: “Não tome um drinque com a turma”; “fuja de todas as festas de escritório”; “não leve trabalho do escritório para casa”; “evite superiores quando viajar” e “coma no quarto do hotel” parecem diferir muito da sabedoria convencional. O próprio Fox é bem sucedido em termos de sua carreira, e assumindo que ele segue seus próprios princípios, seu exemplo mostra que evitar todas as festas de escritório não condena uma pessoa ao esquecimento na corporação.

Sob o título “Estude estes livros”,<sup>6</sup> fiquei feliz por encontrar o *Webster's Third Unabridged Dictionary* e a Bíblia, embora provavelmente a última tenha sido incluída somente para aumentar a consciência moral e cultural da pessoa, ao invés de ser reverenciada como a revelação divina. *The Art of War* [A Arte da Guerra] é superior a outras obras contemporâneas, e eu sei que há *The Art of War for Executives* [A Arte da Guerra para Executivos].<sup>7</sup> Ler *The Prince* [O Príncipe] de Maquiavel é pelo menos mais cultural do que *Who Moved My Cheese?* [Quem Mexeu no Meu Queijo?].<sup>8</sup>

Contudo, o nosso propósito é descobrir se suas sugestões, a despeito de sua natureza aparentemente não-religiosa e não-moral, escapam da designação “o conselho dos ímpios”. Da mesma forma, alguém pode questionar se *A Arte da Guerra* e *O Príncipe* podem ser aplicados aos negócios de acordo com os princípios bíblicos.

<sup>6</sup> Fox, p. 71.

<sup>7</sup> Donald G. Krause, *The Art of War for Executives*; Berkley Publishing Group, 1995.

<sup>8</sup> Spencer Johnson, *Who Moved My Cheese?*; Putnam Publishing Group, 1998.

Tome como outro exemplo: “Sempre pegue o emprego que ofereça mais dinheiro”. Fox dá várias razões que recomendam tal regra:

Primeiro, todos os seus benefícios, pré-requisitos, bônus, e subseqüentes ascensões serão baseadas em seu salário... Segundo, quanto mais bem pago você for, mais visível você será à gerência superior... Quarto, se duas pessoas forem candidatas a uma promoção para um emprego... a mais bem paga sempre conseguirá o emprego...<sup>9</sup>

Assumamos que todas as razões que ele fornece sejam verdadeiras, mas elas apóiam a regra em questão somente se certo propósito ou objetivo for pressuposto. Se este alvo não for derivável da revelação bíblica, então o que Fox propõe aqui não pode ser consistente com a perspectiva cristã.

Pode ser dito que Fox não está tentando escrever um livro religioso, e assim, ele somente assume o que deveria ser o caso num ambiente negocial. Contudo, este ponto carrega pouca relevância para o cristão, visto que sua fé o compromete a obedecer a Escritura em cada aspecto de sua vida. Portanto, antes de entender a teleologia do trabalho como prescrita na Bíblia, ele não pode dizer se “sempre pegue o emprego que ofereça mais dinheiro” se aplica a ele. Pode ser verdade que alguém deva pegar o emprego que ofereça mais dinheiro uma vez que as preocupações cristãs tenham sido consideradas, mas então o princípio não pode mais permanecer como declarado por Fox, mas deve ser modificado correspondentemente.

Até mesmo cristãos produzem o tipo de livros aqui examinados, e em tais casos eles não deixam a Escritura controlar seu pensamento à medida que escrevem. Visto que eles estão escrevendo apenas sobre negócios, pode parecer inapropriado trazer pressuposições bíblicas para a discussão; contudo, quando agem sem premissas bíblicas, eles inevitavelmente permitem que outra série de pressuposições domine o conteúdo. Se o sucesso na carreira é o mais alto objetivo no sistema de pensamento da pessoa, então suas práticas sociais e espirituais refletirão tal teleologia. Contudo, se o conhecimento de Deus é supremo, todas as categorias subsidiárias são dominadas e permeadas por pressuposições teológicas.

É impossível escrever um livro neutro sobre emprego ou qualquer outro assunto; ele será um livro cristão ou não-cristão. Portanto, o livro de Fox encontra-se sob a categoria de “o conselho dos ímpios”. Embora não advogue o crime ou a indecência grosseira, o livro pelo menos tenta ser religiosamente neutro. Os cristãos entendidos podem encontrar várias sugestões nele que podem ser úteis após certas modificações, mas a maioria dos crentes não pode estar certo de quais regras são consistentes com a Escritura e quais não.

Aqueles que “seguem o conselho dos ímpios” em breve começarão a “imitar a conduta dos pecadores” (v. 1). À medida que alguém abriga ou segue idéias antagonistas à fé cristã, ele começa a trilhar o mesmo caminho dos pecadores. Sua simpatia para com o caminho de vida deles se torna maior e maior, de forma que agora ele permanece com o ímpio. Quando ele finalmente “se assenta na roda dos

---

<sup>9</sup> Fox, p. 2.

zombadores” (v. 1), ele está se unindo plenamente à injustiça. Ele agora tem um lugar na mesa deles. Mais do que buscar o caminho da impiedade, ele é agora um dos “zombadores” que desdenham as coisas de Deus, desprezando aqueles que expõem e seguem seus preceitos.

Tal é a estrada para a perdição, e ela começa prestando-se atenção ao conselho ímpio. Muitos cristãos professos “seguem o conselho dos ímpios” diariamente, mas muitos também “imitam a conduta dos pecadores” e “se assentam na roda dos zombadores” sem perceber isso, talvez parcialmente devido ao auto-engano. Alguém que preste serviço labial à Bíblia pode, todavia, afirmar e seguir o conselho injusto dos não-cristãos, e zombar daqueles que falam e agem de acordo com a Escritura.

A queda da justiça começa a partir da admiração e respeito para com o pensamento ímpio, e termina em comunhão íntima com o incrédulo. Derek Kidner escreve:

*Conselho, conduta e roda...* chama a atenção para as esferas do pensamento, comportamento e associação, no qual a escolha fundamental de lealdade de uma pessoa é feita e continuada... as três frases completas mostram três aspectos, de fato três graus, de afastamento de Deus, ao retratar uma conformidade a este mundo em três níveis diferentes: aceitando seu conselho, sendo partidário dos seus caminhos e adotando a mais fatal das suas atitudes – pois os *escarnecedores*, se não os mais escandalosos dos pecadores, são os que estão mais distantes do arrependimento...<sup>10</sup>

Com este excelente sumário, procederemos para o versículo seguinte.

Uma pessoa pode esperar, com a estrutura e conteúdo do versículo anterior sendo o que são, que o versículo 2 pode contrastar o conselho, comportamento e associação do justo, piedoso e reverente contra o que foi dito no versículo 1. Antes, é dito: “Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite”.

O Salmo se move imediatamente para a lei do Senhor. Isto nos adverte que, “os planos fracassam por falta de conselho, mas são bem-sucedidos quando há muitos conselheiros” (Provérbios 15:22), mas isso não demanda muitos conselheiros humanos. De fato, Salmo 119:24 diz: “Sim, os teus testemunhos são o meu prazer; eles são os meus conselheiros”. Provérbios 15:22 ainda parece se aplicar aos conselheiros humanos, mas eles devem ser limitados pelos preceitos de Deus.

Enquanto há uma autoridade última para todos cristãos, a saber, o todo da Escritura, não existe semelhante princípio unificador a partir do qual surjam todas as filosofias seculares. Os primeiros princípios dos sistemas não-cristãos se opõem uns aos outros; o pensamento deles está em extrema confusão.

<sup>10</sup> Derek Kidner, *Tyndale Old Testament Commentaries: Psalms 1-72*; Downers Grove, Illinois: 1973; p. 47-48.



Como observamos, o viver ímpio começa a partir do pensamento ímpio, e assim, o versículo 2 aborda a questão em seu nível fundamental, quando diz do justo que “sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite”. “Deleitar” [NIV] na lei de Deus é pensar sobre ela “dia e noite”; alguém cujo pensamento não é permeado com a Escritura não pode alegar amar a palavra de Deus. Spurgeon escreve: “Talvez alguns de vocês alegam um tipo de pureza negativa, pois não andam no caminho dos pecadores; mas deixe-me lhe perguntar – o seu deleite está na lei de Deus? Você estuda a Palavra de Deus? Você faz disso o varão da tua mão direita – seu melhor companheiro e constante direção?”.<sup>11</sup>

“Meditar” sobre a Escritura significa pensar sobre ela, ponderar seu significado e implicação. Embora a palavra possa significar “murmurar; fazer som com a boca”,<sup>12</sup> ela não requer a tradução: “murmura sua lei dia e noite” (NJB). A versão GNT diz que o justo “a estuda dia e noite”. A idéia a ser enfatizada é a contemplação intelectual da revelação divina, quer falada em alta voz ou não. Para citar Kidner novamente: “A mente foi o primeiro baluarte a ser defendido, no versículo 1, e é tratada como a chave para todo o homem... O salmo contenta-se em desenvolver este único tema, implicando que seja o que for que mude o pensamento de um homem, muda sua vida também”.<sup>13</sup>

Podemos ver isto no mandamento de Deus para Josué: “Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito. Só então os seus caminhos prosperarão e você será bem-sucedido” (Josué 1:8). Sua instrução para criar as crianças é similar também: “Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar” (Deuteronômio 6:6-7).

O conhecimento vem antes da prática e aplicação, e a repetição reforça os preceitos de Deus sobre a mente. Este tem sido sempre o caminho dos justos: “Reflita no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo” (2 Timóteo 2:7). O que distingue o ímpio do justo? O primeiro presta atenção ao conselho ímpio, enquanto o último se deleita e pensa na Escritura. Esta diferença básica nos pensamentos divide os dois grupos. Os versículos 5-6 dizem: “Por isso os ímpios não resistirão no julgamento, nem os pecadores na comunidade dos justos. Pois o Senhor aprova o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios leva à destruição!”.

Os cristãos professos podem realizar muitas boas obras em nome de Cristo, mas seus pensamentos os denuncia: “o SENHOR vê o coração” (1Samuel 16:7). O Cristianismo contemporâneo, uma versão aberrante da fé verdadeira, procura minimizar a relevância da posição teológica de uma pessoa; somente o amor e a unidade são importantes. Mas a Bíblia diz que nossos pensamentos nos definem, e ela é o ponto de partida a partir do qual a totalidade das nossas vidas é derivada. Portanto, que aqueles que professam o nome de Cristo cessem de se prostituir com a sabedoria

<sup>11</sup> Charles H. Spurgeon, *Treasury of David*, Vol. 1; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers; p. 2.

<sup>12</sup> William Wilson, *Wilson's Old Testament Word Studies*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers; p. 271.

<sup>13</sup> Kidner, p. 48.

deste mundo, e pressionem a antítese irreconciliável entre a cosmovisão bíblica e todos os sistemas seculares.

O leitor pode ainda estar preocupado que, se todo o conselho não-cristão é ímpio, então ninguém pode confiar no seu médico, ou mesmo no manual de proprietário de um carro. Eu responderei isto com um exemplo pessoal. Um dentista me disse que eu tinha cáries, mas alguns minutos após isso um outro veio e me disse que eu não tinha. Eu tinha cáries? Se tivesse obtido uma terceira opinião, não haveria nenhuma garantia que um quarto dentista concordaria com o terceiro. E este é suposto ser um problema simples. Tudo fora da revelação divina é na melhor das hipóteses incerto, e uma premissa ou teleologia não-cristã forçará uma conclusão não-cristã. Por outro lado, o caminho dos justos é o moto da Reforma, *sola Scriptura* – somente a Escritura.

## 2. RENOVANDO A MENTE

O desenvolvimento intelectual é talvez o aspecto mais negligenciado da santificação cristã. Sendo o próprio fundamento do crescimento espiritual, o fracasso nesta área mina todo o empreendimento do discipulado. Pior do que ser negligenciado, o intelectualismo é amaldiçoado como um obstáculo à conversão e um inimigo do progresso espiritual. Um pregador disse: “Um espírito intelectual é mortal”. Isto contradiz “o primeiro e maior mandamento” de amar a Deus com toda nossa mente (Mateus 22:37-38). Dificilmente alguém pode amar a Deus com toda sua mente ou intelecto de uma maneira não-intelectual.

Um espírito intelectual está morto somente para o misticismo irracional de tal pregador. Antes, uma das tarefas mais urgentes é recuperar um espírito de intelectualismo bíblico. Destrutivo para a vida espiritual é o conteúdo anti-bíblico do pensamento de alguém, não o pensamento em si. “O novo homem”, de acordo com Colossenses 3:10, “está sendo renovado em conhecimento, à imagem do seu Criador”. Pedro faz do conhecimento cristão o fundamento para a “vida e para a piedade” (2 Pedro 1:3). Na discussão que se segue focaremos nossa atenção na passagem de Romanos 12:1-2, a partir da qual podemos derivar informação com respeito ao papel e desenvolvimento do intelecto na vida cristã:

Portanto, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês. Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Comentaristas expressam uma distinção entre doutrina e aplicação, ou teoria e prática, quando dizem que Paulo começa a apresentar em Romanos 12 a aplicação prática das exposições doutrinárias que precedem tal capítulo. Contudo, uma pessoa não deveria fazer uma dicotomia rígida entre doutrina e aplicação, especialmente quando se referindo ao conteúdo bíblico. Assim como os capítulos precedentes, Romanos 12-16 também ensina doutrinas – apenas doutrinas sobre coisas diferentes.

A palavra “portanto” significa que o conteúdo desses últimos capítulos seguem a partir dos anteriores. “Misericórdias de Deus” referem-se à salvação que Deus estendeu para os seus eleitos. Paulo agora apela aos crentes por uma resposta apropriada. A resposta apropriada à graça salvadora de Deus é uma busca de santificação, parte da qual é “oferecer seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (NIV). A palavra “oferta” é um termo técnico para a apresentação dos sacrifícios levíticos. Diferentemente dos sacrifícios do Antigo Testamento, devemos apresentar nossos próprios corpos como “sacrifícios vivos”, em oposição aos animais imolados dos tempos anteriores. Tais sacrifícios, certamente, não fornecem nenhum valor redentor, mas são antes nossa resposta ao que Cristo fez.

No contexto de explicar a obra redentora de Cristo e nossa relação para com ela, Paulo declara: “considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (Romanos 6:11). “Portanto”, ele adiciona, “não permitam que o pecado

continue dominando os seus corpos mortais, fazendo que vocês obedeçam aos seus desejos” (v. 12). A santificação envolve “[fazer] morrer os atos do corpo” (8:13). A mesma palavra traduzida como “oferta”<sup>1</sup> aparece no versículo 13, que diz: “Não ofereçam os membros do corpo de vocês ao pecado, como instrumentos de injustiça; antes ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida; e ofereçam os membros do corpo de vocês a ele, como instrumentos de justiça”.

Crisóstomo diz: “Como pode o corpo se tornar um sacrifício? Que o olho não olhe para nenhum mal, e isto é um sacrifício. Que a língua não expresse nada vil, e isto é uma oferta. Que a mão não produza nenhum pecado, e isto é um holocausto.<sup>2</sup> Mas ainda mais – isto não basta! – devemos ativamente nos exercitar no bem; a mão dando esmolas, a boca abençoando os que nos maldizem, o ouvido não cessando de ouvir a Deus”. Oferecer nossos corpos como “instrumentos de justiça” é “agradável a Deus”.

Paulo diz que isto é um “ato espiritual de adoração” (NIV). Estas palavras merecem toda a atenção. Elas são algumas vezes mal-interpretadas, e seu significado é frequentemente despercebido. A palavra traduzida como “espiritual” é *logikos*, é melhor traduzida como “racional”.<sup>3</sup> Várias traduções modernas trazem “espiritual” (NIV, NASB, NCV, CEV, ESV), com o intuito de enfatizar a idéia de adoração espiritual “no sentido de ser interior, em oposição à questão de ritos exteriores”.<sup>4</sup>

Alguns eruditos contendem que *logiken* neste versículo é quase sinônimo de *pneumatikos*, ou “espiritual”. Contudo, a raiz *pneuma* é comum nos escritos Paulinos, enquanto *logikos* ocorre somente aqui.<sup>5</sup> Isto é, Paulo pretende o significado que *logikos* transmite. A tradução mais exata é provavelmente “culto racional”, como em Schreiner.<sup>6</sup> Mas a Bíblia de Jerusalém e a tradução de Ronald Knox ajudam enfatizar a natureza intelectual da exortação de Paulo à adoração: “... adore-o, rogo-lhes, numa forma que é digna de seres pensantes”; “... esta é a adoração devida da parte de vocês como criaturas racionais”. A Vulgata Latina tem *rationabile*.<sup>7</sup>

Como Thayer diz, o termo denota “a adoração que é prestada pela razão ou alma”.<sup>8</sup> Wuest dá uma interpretação mais teológica e escreve: “Israel pregou o evangelho através do uso de lições práticas, o Tabernáculo, o Sacerdócio e as Oferendas. A Igreja prega o mesmo evangelho em termos abstratos”.<sup>9</sup> Sob a nova aliança, não prestamos adoração cerimonial a Deus, mas, como é consistente com

<sup>1</sup> Nota do tradutor: No inglês, *offer* pode significar tanto o verbo “ofertar” como o substantivo “oferta”.

<sup>2</sup> A palavra significa a queima de uma oferta.

<sup>3</sup> Nota do tradutor: Como na NVI e outras versões em português.

<sup>4</sup> C. E. B. Cranfield, *Romans: A Shorter Commentary*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1985; p. 295.

<sup>5</sup> Thomas R. Schreiner, *Romans* (Baker Exegetical Commentary on the New Testament); Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1998; p. 645.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 642.

<sup>7</sup> *Bblia Sacra Vulgata*: “obsecro itaque vos fratres per misericordiam Dei ut exhibeatis corpora vestra hostiam viventem sanctam Deo placentem rationabile obsequium vestrum”.

<sup>8</sup> Joseph H. Thayer, *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2002 (original: 1896); p. 379.

<sup>9</sup> Kenneth S. Wuest, *Romans in the Greek New Testament*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1955; p. 206.

seres racionais, uma adoração intelectual – adoração que é realizada e derivada da mente, ao ponto de afetar corporalmente a conduta.

Isto não é dizer que a adoração do Antigo Testamento era não-intelectual. As leis cerimoniais eram precisas, prescrevendo procedimentos para muitas atividades, da sagrada à mundana. Contudo, mesmo então o Antigo Testamento dá grande ênfase ao intelecto e doutrinas, como se pode notar a partir dos repetidos mandamentos para ensinar, ouvir e meditar as palavras da Escritura.

Jesus declara em João 4:23: “No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura”. Que os crentes do Novo Testamento devem adorar “em espírito e em verdade” – ambas palavras relacionadas ao intelecto – não significa que aqueles que adoravam sob o Antigo Testamento o faziam na carne e em falsidade! A religião do Antigo Testamento já era a mais intelectualmente rigorosa entre as várias cosmovisões antigas.

O Novo Testamento não ensina um evangelho diferente, mas ele é uma administração nova e superior do pacto Abraâmico. Precisamos repetir isto frequentemente, visto que a maior parte da pregação popular faz distinções falsas entre os dois Testamentos, com resultados desastrosos. Em todo caso, esta nova administração nos libera das práticas cerimoniais do Antigo Testamento, visto que Cristo as cumpriu. Agora, sob a nova aliança, somos livres para adorar a Deus ainda mais como seres racionais; portanto, pregação, estudo e pensamento recebem preeminência no processo de santificação.

Romanos 12:1 opõem-se contra o antiintelectualismo da igreja moderna, que encoraja os crentes a permanecerem como criancinhas sem entendimento. Assim, a pregação contemporânea enfatiza o prático e procedural, e não o doutrinário e teológico. O resultado é que temos várias gerações de cristãos que não sabem muito sobre a Bíblia de forma alguma.

Que devemos pensar como criaturas racionais produz algumas ramificações importantes. Se a essência da nossa natureza é a racionalidade, então um programa de desenvolvimento espiritual deve levar isto em consideração, de forma que trate os seres humanos como criaturas racionais – ele tratará primeiro com a mente, os pensamentos dos indivíduos. Um programa de crescimento espiritual deve alcançar primeiro a mente. Isto é o que encontramos no versículo 2: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente”.

Eu fiz um curso na faculdade sobre sociobiologia. O assunto pressupõe a evolução biológica e aplica-o ao pensamento e cultura humana. A partir da suposição que os seres humanos são descendentes de animais, e somos animais, ele observa e estende o comportamento social dos animais para explicar o comportamento humano. Por exemplo, E. O. Wilson tenta justificar o altruísmo e a religião usando a teoria da evolução.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> E. O. Wilson, *On Human Nature*; Harvard University Press, 1988.

Uma das questões do exame final foi: “Como este curso mudou sua visão da natureza humana?”. Parte da minha resposta incluía: “Somente um idiota permitiria que uma licenciatura em biologia mudasse algo tão importante como sua visão sobre a natureza humana. Seria como fazer um semestre de Alemão ou Espanhol e então imediatamente adotá-lo como seu idioma primário”.

Todavia, tais idiotas existem em abundância. Com não mais que um entendimento totalmente elementar da teoria evolucionária, e algumas vezes nem isso, eles confiam nela como um dos princípios mais básicos que governam seu pensamento. Num discurso no *American Museum of Natural History* [Museu Americano de História Natural], Colin Patterson disse: “Você pode me dizer algo que sabia sobre evolução, qualquer coisa que seja verdadeira? Eu arrisquei tal pergunta no campo de geologia no *Field Museum of Natural History* [Museu de História Nacional] e a única resposta que obtive foi um silêncio total”.<sup>11</sup>

Se o público é culpado de acreditar nos cientistas sem examinar a evidência, os cientistas por sua vez são culpados de suprimir a evidência contrária às suas teorias:

É... correto e apropriado chamar a atenção do público não-científico para os desacordos sobre a evolução. Mas algumas considerações recentes de evolucionistas mostram que eles pensam ser isto irracional. Esta situação onde os cientistas se reúnem para a defesa de uma doutrina que eles são incapazes de definir cientificamente, muito menos demonstrar com rigor científico –tentando manter seu crédito com o público suprimindo as críticas e eliminando as dificuldades – é algo anormal e indesejável na ciência.<sup>12</sup>

Muitos cristãos, afetados por uma filosofia secular antiintelectual, também são ignorantes dos principais dogmas de sua fé, e isto revela sua desobediência às instruções bíblicas. Contudo, os evolucionistas não crêem num Espírito onipotente que converte os comprometimentos fundamentais dos escolhidos, de forma que eles possam assentir à verdade e serem salvos. A cosmovisão cristã permite que alguém se converta à fé sem um entendimento completo do sistema inteiro, visto que é o Deus soberano quem exerce um poder irresistível sobre a vontade do homem, por meio da mensagem do evangelho. Todavia, a Escritura ordena o estudo diligente da palavra de Deus para obtermos um entendimento intelectual abrangente da fé cristã.

O incrédulo não pode justificar uma mudança no comprometimento fundamental baseado num curso de graduação em biologia, especialmente aqueles que se orgulham de serem racionais e cientificamente orientados. Demandar um argumento para evolução citando a evidência atual para a teoria é frequentemente suficiente para silenciar muitos evolucionistas leigos. Muitos deles não podem nem mesmo explicar a teoria da evolução, para não mencionar fornecer evidência em apoio

<sup>11</sup> Colin Patterson, “Evolution and Creationism”, New York; November 5, 1981. Dr. Patterson era uma paleontólogo sênior do Museu Britânico de História Natural.

<sup>12</sup> W. R. Thompson, “Introdução”, *Origin of Species*, por Charles Darwin; Dutton: Everyman's Library, 1956; p. xxii. Thompson era Diretor do Commonwealth Institute of Biological Control [Instituto de Controle Biológico], Ottawa.



dela. Contudo, eles alegam reverenciar somente a ciência, e não crerão em nada sem evidência.

Mas o ponto que desejo enfatizar é que a questão sobre o exame final implica uma agenda para alterar ou mudar o pensamento dos estudantes. “Como este curso mudou sua visão da natureza humana?” denuncia uma intenção e expectativa de que o conteúdo do curso mudará a visão da natureza humana de alguém. O professor desejava elaborar algumas das implicações da evolução para o comportamento humano, de forma que os estudantes pensassem e agissem mais consistentemente com a teoria evolucionista.

Nas palavras de René Dubos: “Os conceitos evolucionistas são aplicados também às instituições sociais e artes. De fato, muitos partidos políticos, bem como escolas de teologia, sociologia, história, ou artes, ensinam estes conceitos e fazem-nos o básico de suas doutrinas. Assim, a biologia teórica impregna agora tudo da cultura Ocidental incidentalmente através do conceito de mudança histórica progressiva”.<sup>13</sup> Julian Huxley critica da mesma forma: “O conceito de evolução em pouco tempo se espalhou para outros campos que não os biológicos. Assuntos inorgânicos tais como... lingüística, antropologia social, e religião e lei comparada, começaram a ser estudados a partir de um ângulo evolucionário... até hoje somos capazes de ver a evolução como um processo universal e difuso”.<sup>14</sup> Pierre Teilhard de Chardin declara que a evolução é “uma condição geral à qual todas as teorias, sistemas e hipóteses devem se curvar e adequar, se desejam ser possíveis e verdadeiras”.<sup>15</sup>

A evolução é uma teoria com respeito às origens humanas que produz ramificações em assuntos fora da biologia. Devido à sua ampla aceitação, ela tem afetado teorias seculares sobre psicologia, educação, criminologia e muitas outras áreas de estudo. Huxley crê que a evolução é um “processo difuso”. Contudo, se a teoria é falsa, então as teorias seculares deduzidas a partir dela podem ser apenas absurdos difusos. Além de sua visão otimista da evolução citada no parágrafo anterior, Pierre Teilhard de Chardin também diz: “[A evolução está] acima de toda verificação, bem como imune de qualquer contradição subsequente por experiência”<sup>16</sup>. Ela não pode ser verificada ou falsificada. Mas isto não é muito “científico”, é? <sup>17</sup> Imagine o ridículo se um cristão fosse fazer a mesma alegação com respeito à criação subnatural.

Eu tenho em minha posse centenas de páginas de citações adicionais que podem embarçar os evolucionistas, mas visto que não é o meu objetivo refutar a teoria aqui, devo encomendar o leitor aos meus outros escritos. Agora, evolução é uma das principais teorias seculares e anti-bíblicas que procura capturar nossas mentes. O ponto é que os não-cristãos adotam princípios fundamentais ridículos para eliminar o Deus da Bíblia como o determinador e o explanador de todo pensamento e experiência humana. Eles optam pelos princípios anti-bíblicos – e, portanto, falsos – a partir dos quais constroem suas cosmovisões.

<sup>13</sup> René Dubos, “Humanistic Biology”, *American Scientist*, vol. 53; March, 1965; p. 4-19.

<sup>14</sup> Julian Huxley, “Evolution and Genetics”, em *What is Science?* editado by J. R. Newman; New York: Simon and Schuster, 1955; p. 256-289.

<sup>15</sup> Pierre Teilhard de Chardin, *The Phenomenon of Man*; New York: Harper and Row, 1965; p. 219.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>17</sup> Ela é uma pressuposição filosófica não derivada, mas antes imposta sobre o dado empírico.

A regeneração é uma reconstrução radical da personalidade e intelecto, após a qual a pessoa assume a autoridade bíblica como seu primeiro princípio. Contudo, muitas das falsas idéias que ele adquiriu anteriormente à conversão permanecem, fazendo com que seus pensamentos e comportamento exibam inconsistências irreconciliáveis com seu novo comprometimento fundamental. O processo de santificação é, portanto, primeiro um desenvolvimento intelectual, através do qual descartamos as idéias anti-bíblicas, tais como evolução e suas implicações, e faz com que nossos pensamentos e ações se conformem à palavra de Deus.

Quer elas sejam teorias científicas anti-cristãs ou padrões autônomos de moralidade, Paulo ordena que seus leitores livrem-se do molde intelectual anti-bíblico ao qual o mundo tenta nos amoldar. Esta é sua prescrição para a vida cristã: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente”. Em outras palavras, pare de pensar como não-cristãos, e comecem a pensar como cristãos.

A segunda parte do versículo 2 diz: “Para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”. Isso procede da primeira parte do versículo que ensina a renovação da mente. Um espírito anti-intelectual asfixia o pensamento cristão, e, portanto, destrói a capacidade de alguém de “experimentar e comprovar a... vontade de Deus”. Muitas pessoas alegam que desejam conhecer a vontade de Deus, mas falhando em seguir a instrução de Paulo, entendem incorretamente a própria natureza da vontade de Deus e como ele a revela para nós. O misticismo pode ser mais espetacular e romântico, mas é também a forma anti-bíblica e preguiçosa de buscar a Deus.

A transformação espiritual envolve a total rejeição do pensamento secular, adotando a cosmovisão cristã em sua inteireza, e desenvolvendo suas implicações para cada área do pensamento e vida. Então, Paulo diz, seremos capazes de “experimentar e comprovar” qual é a vontade de Deus. A forma de conhecer a vontade de Deus é, portanto, desenvolver o discernimento intelectual. Paulo não diz que o conhecimento da vontade de Deus vem de uma intuição ou impressão interior, ou uma “voz tranqüila e suave”. Antes, ele diz para treinarmos a pensar como cristãos, de forma que possamos testar algo para ver se é a vontade de Deus, e se aprovaremos o pensamento ou ação em questão.

A porção final do versículo 2 é frequentemente mal interpretada. Alguns têm feito ela dizer que há uma gama de possibilidades dentro do plano de Deus, de forma que se alguém falha em obter sua vontade perfeita, ele pode talvez permanecer em sua vontade “permissiva”. Esta interpretação toma os três adjetivos – boa, agradável e perfeita – como indicando aumento em proximidade àquela que é a vontade perfeita de Deus. Contudo, as considerações gramaticais ditam que uma pessoa traduza o versículo numa forma que aplique os adjetivos igualmente à vontade de Deus. Isto é, a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita.

Que Deus tem uma vontade permissiva é uma invenção de certos teólogos que desejam harmonizar o registro escriturístico com os seus sistemas anti-bíblicos de teologia. Aqueles que desobedecem a Deus obtêm conforto desta teoria, visto que pelo menos se consideram como operando debaixo da sua vontade permissiva. Tal



interpretação também ajuda a preservar a falsa doutrina da autonomia humana. Contudo, Deus não “permite” nada, como se o universo pudesse existir e funcionar à parte dele. Se Deus não decreta um evento, o mesmo não pode ocorrer. Isto é verdade quer estejamos falando da morte de um pardal, ou de um pensamento na mente humana.

Romanos 12:1-2 nos prescreve a estrutura básica que deve caracterizar qualquer programa de desenvolvimento cristão. Devemos pensar em nós mesmos como criaturas racionais, de forma que cada estratégia designada para aumentar a piedade deve primeiro atingir nossas mentes, comunicando os preceitos divinos de Deus na Escritura. Uma agenda primária de santificação é remover qualquer remanescente de pensamento anti-bíblico das nossas mentes, substituindo-o com a cosmovisão bíblica e suas implicações. A familiaridade com a Escritura produz discernimento espiritual, pelo qual somos capazes de testar qualquer curso de ação proposto, de forma que se ele passa pelo teste, está aprovado como o caminho que Deus quer que sigamos. Nesse sentido, um espírito antiintelectual é mortífero, pois rejeita a maneira bíblica de alcançar maturidade espiritual.

### 3. SOMENTE DEUS É BOM

“Neste caso, quem pode ser salvo?” exclamam os discípulos em Marcos 10:26. Muitas pessoas crêem que é fácil obter salvação, enquanto outros consideram difícil. Os discípulos pelo menos implicam que, baseado no que tinham acabado de ouvir do seu mestre, não é qualquer um que pode obtê-la. Jesus não somente diz que a salvação é difícil de obter – ele diz: “para o homem é impossível” (v. 27). Em outro lugar ele diz: “Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram” (Mateus 7:14).

Mas comecemos a partir do princípio da passagem: “Quando Jesus ia saindo, um homem correu em sua direção e se pôs de joelhos diante dele e lhe perguntou: ‘Bom mestre, que farei para herdar a vida eterna?’” (Marcos 10:17). Característico do Evangelho de Marcos, o versículo mantém um senso de urgência e atividade ao homem *correr* para Cristo, e então cair de joelhos. Seja o que for que estivesse em sua mente, era uma questão perturbadora para ele. Ele queria sua resposta desesperadamente, e sabia de quem deveria buscá-la.

Sua questão é deveras importante, e pertinente para qualquer um: “Que farei para herdar a vida eterna?”. A questão como declarada não tem que implicar uma suposição de salvação pelas obras da parte do inquiridor, visto que até mesmo crer em Cristo é algo que a pessoa faz. O que negamos são as boas obras meritórias como base da salvação de alguém, e mesmo que a fé seja num sentido meritória – contrastando com a malignidade da incredulidade – é duvidoso que o homem incluía crer em Cristo como uma boa obra possível em questão.

Todavia, a partir do contexto da passagem e o possível pano de fundo do homem como um dirigente da sinagoga, é provável que ele de fato tivesse as boas obras em mente. Em todo caso, contrário à doutrina da justificação pela fé, ele assume que há algo que possa fazer para alcançar ou herdar a vida eterna.

“Respondeu-lhe Jesus: “Por que você me chama bom? Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus. Você conhece os mandamentos: ‘Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não enganarás ninguém, honra teu pai e tua mãe’” (Marcos 10:18-19). Tal resposta perplexa muitos leitores. O homem tinha Jesus em alta estima como um mestre judeu, até mesmo se ajoelhando diante dele, não como um ato de adoração, mas uma demonstração de extremo respeito.

Todavia, enquanto Jesus aceitaria adoração de outros (Mateus 14:33), aqui ele parece negar até mesmo a bondade aplicada a si mesmo. Não pode ser que Jesus admitira ser pecaminoso, ou que ele não fosse nada mais que um ser humano. Ele diz em um lugar: “Qual de vocês pode me acusar de algum pecado?” (João 8:46), Hebreus 4:15 ensina que embora ele tenha sido tentado em tudo, o foi sem pecado.

Ao invés de ser uma declaração direta de auto-humilhação, a réplica entre outras coisas pode ser uma reivindicação indireta à divindade. O raciocínio não é que, visto que somente Deus é bom, Jesus não é bom; antes, visto que somente Deus é bom, Jesus é Deus. Somente Deus é bom; qualquer bondade atribuída aos seres humanos é, na melhor das hipóteses, relativa e derivada. Em que sentido o homem

está aplicando bondade à Cristo? Como veremos, a resposta de Jesus também expõe a idéia superficial de bondade do homem, que por sua vez prova ser crucial para responder sua pergunta.

O versículo 19 diz: “Você conhece os mandamentos: ‘Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não enganarás ninguém, honra teu pai e tua mãe’”. Dado o conteúdo subsequente da passagem, alguns crêem que Jesus deliberadamente omite “não cobiçarás” da lista de mandamentos, na expectativa de expor a deficiência espiritual do homem no versículo 22.

Contudo, tal interpretação é implausível visto que Jesus inclui “não enganarás ninguém”<sup>1</sup> em sua recitação dos mandamentos, provavelmente derivado de Levítico 19:13. A declaração também deixa fora vários outros mandamentos. Portanto, a exclusão de certos mandamentos não implica necessariamente que aqueles são os que o homem falha em guardar, mas Jesus está somente fornecendo um sumário dos mandamentos. Para parafrasear: “Por que você me chama bom? Somente Deus é bom. Além disso, você já conhece os mandamentos de Deus, não conhece?”.

O homem responde: “Mestre, a tudo isso tenho obedecido desde a minha adolescência” (v. 20). Ele diz que tem guardado todos os mandamentos de Deus. “Que o homem possui a capacidade de cumprir os mandamentos de Deus perfeitamente era tão firmemente crido pelos rabinos, que eles falavam com toda seriedade de pessoas que guardaram toda a Lei, de A a Z”.<sup>2</sup> Nós cremos realmente que este homem guardava toda a lei perfeitamente?

Numa outra ocasião “um perito na lei” fez a mesma pergunta à Jesus que o homem em nossa passagem: “Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?” (Lucas 10:25). Quando Jesus pediu para ele expressar sua própria interpretação da Escritura sobre o assunto, o mesmo respondeu: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento” e “Ame o seu próximo como a si mesmo” (v. 27). Estes são os dois mandamentos com os quais o próprio Jesus resume os preceitos do Antigo Testamento, e assim ele aprova esta resposta.

Contudo, ninguém pode cumprir tal requerimento. A única forma é alguém “limitar a extensão da demanda da lei e, conseqüentemente, limitar sua própria responsabilidade”.<sup>3</sup> Para a conduta de alguém igualar-se aos mandamentos de Deus, ele deve distorcê-los para se conformarem às suas próprias limitações; de outra forma, seria impossível guardá-los perfeitamente. Portanto, “querendo justificar-se”, o perito na lei pergunta: “E quem é o meu próximo?” (v. 29). Se ele pudesse restringir a definição de próximo, talvez seria possível cumprir o requerimento escriturístico. Jesus acusa os fariseus, dizendo: “Assim vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram” (Marcos 7:13).

<sup>1</sup> Nota do tradutor: “Não defraudarás ninguém” na versão do autor (NIV), bem como nas versões portuguesas ARA e ARC.

<sup>2</sup> Strack and Billerbeck: *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch* (1:814).

<sup>3</sup> *The Expositor's Bible Commentary*, Vol. 8; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1984; p. 942.

O homem que se aproxima de Jesus tinha um sentido deturpado de bondade. Baseado neste princípio distorcido, ele chama Jesus de bom e afirma estar sendo obediente aos mandamentos de Deus. Portanto, Jesus questiona a designação que o homem atribui a ele, não que ele negue o atributo de bondade, mas pelo fato de perceber que o homem não entende o que está dizendo quando o chama de “bom mestre”. Com isso, o homem queria dizer pouco mais que Jesus era um dos melhores rabinos, ou talvez até mesmo o melhor, mas ainda assim humano.

Esta visão sobre Jesus é comum hoje. Jesus foi um bom homem, dizem, mas não foi nada mais que isso. Nossa resposta é: “Você sabe o que está dizendo? Somente Deus é bom”. O padrão de bondade deles é tão superficial e inadequado que se julgam serem bons e decentes, e atribuem o mesmo tipo de bondade a Cristo. Mas se somente Deus é bom, então o único padrão de bondade é o seu, e deve-se fazer todos os julgamentos morais à luz deste padrão absoluto. Quando fazemos isto, descobrimos que longe de estar justificada, a humanidade está condenada, e seus “atos de justiça são como trapo imundo” (Isaías 64:6).

Enquanto uma pessoa mantiver um conceito inadequado de bondade, ela pode continuar a pensar que a humanidade no fundo é boa. Isto o permite tentar alcançar a salvação – se é que ele precisa de salvação – por suas boas obras. Falhando em obedecer às leis de Deus por seu próprio poder moral corrompido, ele distorce a lei de Deus e dá espaço para o aborto, homossexualidade, perjúrio, adivinhação, e uma miríade de outros males. Se a lei de Deus o acusa de pecado, ele alterará seu conceito de pecado para escapar da acusação. Isso é redenção por redefinição.

Contudo, não é o homem quem define bom e mal. Deus é o juiz de todos, e é a ele que devemos prestar contas. É o seu padrão de justiça que devemos satisfazer. Isto sendo assim, a Escritura declara que “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Romanos 3:23). João o apóstolo afirma algo que até mesmo alguns cristãos professos negam: “Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós” (1 João 1:8). O pecado é um patrão justo, que sempre paga o seu salário, mas “o salário do pecado é a morte” (Romanos 6:23).

É uma deformação grosseira do Cristianismo dizer que a graça exclui a pregação da lei de Deus. “Mediante a Lei que nos tornamos plenamente conscientes do pecado”, Paulo explica (Romanos 3:20). Num tempo em que o pecado é assumido como sendo nada mais que uma construção religiosa imaginária, que a doença psicológica existe somente devido a uma sociedade com disfunção, os crentes devem deixar claro os requerimentos morais de Deus que a humanidade tem transgredido. O homem é um pecador, e ele é tão incapaz que um poder que não o dele deve resgatá-lo da destruição.

Machen escreveu há décadas atrás: “O verdadeiro professor para trazer os homens a Cristo é encontrado, portando, agora e sempre na lei de Deus – a lei de Deus que dá aos homens a consciência do pecado. Uma nova e poderosa proclamação desta lei é talvez a necessidade mais urgente do nosso tempo... uma visão baixa da lei sempre produz o legalismo na religião; uma visão alta da lei faz do homem um

buscador da graça”.<sup>4</sup> Os cristãos contemporâneos fazem o inverso: eles pensam que uma visão baixa da lei abre lugar para a graça, enquanto uma visão alta da lei é a base do legalismo. Contudo, é uma visão baixa da lei que engana o homem no pensamento de que ele pode satisfazer seus requerimentos, mas uma visão alta da lei o leva a buscar a misericórdia de Deus em desespero.

Carecendo de uma consciência do pecado, é impossível que uma pessoa entenda a expiação substitutiva como o meio de redenção, pois um ser sem pecado não precisa de nenhuma expiação. O homem diz para Jesus: “Mestre, a tudo isso tenho obedecido desde a minha adolescência” (Marcos 10:20). Jesus deseja responder sua pergunta: “Que farei para herdar a vida eterna?”. Contudo, neste ponto o pensamento do homem não parece favorável à doutrina da justificação pela fé.

O maior mandamento e um sumário da lei de Deus é: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento” (Mateus 22:37). Alguém que obedece à lei, portanto, deveria reconhecer o total domínio de Deus sobre sua vida e ser. Vejamos, então, se o homem responderá correspondentemente quando encarar a demanda para cumprir este comprometimento implícito.

Jesus diz para ele: “Vá, venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me” (Marcos 10:21). Jesus é um “bom mestre” ou não? É o homem quem pede a Jesus para dizer-lhe o que ele deve fazer. Agora que Jesus lhe diz para vender tudo e segui-lo, ele pode agir duma maneira consistente com os mandamentos de Deus, e reconhecer a reivindicação de Deus sobre tudo o que ele tem? Ao invés de seguir a instrução de Jesus, sua expressão mudou. “Diante disso ele ficou abatido e afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas” (v. 22). Mas Jesus ensinou que não podemos servir tanto a Deus como a Mamom.

Jesus responde: “Como é difícil aos ricos entrar no Reino de Deus!” (v. 23). Os discípulos ficaram impressionados com esta declaração; o pano de fundo judaico deles tinha condicionado-os a considerar o rico como ocupando uma posição privilegiada, que Deus tinha abençoado-os de maneira especial. É difícil para o rico entrar no reino de Deus, visto que sua riqueza tem um grande domínio sobre o seu pensamento e devoção. Seu dinheiro é a fonte de orgulho e segurança. Para os menos disciplinados, a sedução da riqueza faz com que eles cometam todos os tipos de atos imorais; Deus ficou longe dos seus pensamentos. Lucas 12:15 diz: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens”.

Visto que não estou me endereçando somente àqueles que confiam em riquezas, não acrescentarei detalhes sobre a riqueza particular que este homem exhibe, a resposta de Jesus ou o equívoco dos discípulos com respeito à relação entre riqueza e espiritualidade. Antes, procederemos para a declaração seguinte, visto que Jesus adiciona: “Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus!” (v. 24). Embora o rico experimente dificuldades específicas quando tentando entrar no reino de Deus, Jesus

---

<sup>4</sup> J. Gresham Machen, *What is Faith?*; Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1991 (original: 1925); p. 141-142.

está dizendo agora que “o que se aplica aos ricos, aplica-se a todos, ou seja, que é muito difícil entrar no reino de Deus”.<sup>5</sup>

O versículo 25 diz: “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”. Os discípulos entenderam a implicação, e agora ainda mais impressionados do que antes, perguntam: “Neste caso, quem pode ser salvo?”. Jesus responde: “Para o homem é impossível”. Um elemento necessário para entender o evangelho bíblico é perceber que é impossível o homem alcançar a justiça perfeita, quer rico ou pobre, e assim, a salvação é impossível de ser alcançada.

A Confissão de Fé de Westminster declara: “O homem, caindo em um estado de pecado, perdeu totalmente todo o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação, de sorte que um homem natural, inteiramente adverso a esse bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu próprio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso” (IX, 3). Note: ele não pode nem “mesmo preparar-se para isso”. Em sua condição de não-regenerado, o homem está espiritualmente morto e hostil, e indisposto até mesmo de cooperar para sua salvação.

Contudo, nem todos foram condenados à perdição. Aqui estão as boas novas: “Para o homem é impossível, mas para Deus não; todas as coisas são possíveis para Deus” (v. 27). Na salvação, tudo é com Deus, e não com o homem, visto que o último é incapaz de entrar no reino de Deus por seu próprio poder. Jesus diz: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:44). Thayer define “atrair” como “atrair por poder interior, conduzir, impelir” ou mesmo “arrastar”.<sup>6</sup> Deus estende sua graça aos seus eleitos atraindo-os a Cristo através de um chamado interior irresistível. Portanto, a vinda de uma pessoa a Cristo para salvação – sua fé em Cristo – origina-se na vontade de Deus e não na sua própria vontade. Isto é, Deus muda a vontade dos seus escolhidos, de forma que eles possam aceitar a Cristo; portanto, a salvação é toda da graça e não há lugar para jactância (Efésios 2:9).

Jesus diz em Mateus 7:13-14: “Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram”. Fé em Jesus Cristo é o único caminho para salvação; não há outras alternativas. Achando tal exclusivismo muito repugnante para o seu gosto, alguns rejeitam o Cristianismo por esta razão. Se alegamos que somente nós estamos certos, então devemos estar errados. A democracia tem entrado na discussão para permanecer como juiz sobre a verdade.

Então, há outros que não denunciam Cristo abertamente, mas reconhecem-no como um “bom mestre”. Mas certamente, dizem, ele não pode ser Deus ou a única esperança da humanidade. Para que os cristãos não pensem que aqueles que dizem coisas boas sobre ele estão mais próximos de Cristo do que aqueles que abominam o próprio som do seu nome, Jesus diz: “Aquele que não está comigo, está contra mim” (Mateus 12:30). Ao invés de simpatizar com a fé cristã, esta visão subverte seu

<sup>5</sup> William Hendriksen, *Mark*; Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 2002 (original: 1975); p. 399.

<sup>6</sup> Joseph H. Thayer, *Thayer's Greek-English Lexicon of the New Testament*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2002 (original: 1896); p. 204-205.

próprio fundamento. Com Cristo, ou é tudo ou nada. Ou alguém o reconhece como o Filho de Deus ou não, mas Cristo não é meramente um bom mestre de moral.

Estou procurando evitar que se diga a coisa mais tola que muita gente diz por aí, a respeito de Cristo: “Estou pronto para aceitar que Jesus foi um grande mestre de moral, mas não aceito a sua prerrogativa de ser Deus”. Eis aí precisamente o que não podemos dizer. Um homem que fosse só homem, e dissesse as coisas que Jesus disse, não seria um grande mestre de moral: seria ou um lunático, em pé de igualdade com quem diz ser um ovo cozido, ou então seria o Demônio. Cada um de nós tem que optar por uma das alternativas possíveis. Ou este homem era, e é, Filho de Deus, ou então foi um louco, ou algo pior. Podemos contra-argumentá-lo taxando-o de louco, ou cuspir nele e matá-lo como um demônio; ou podemos cair a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas não venhamos com nenhuma bobagem paternalista sobre ser Ele um grande mestre humano. Ele não nos deu esta escolha. Nem nunca pretendeu.<sup>7</sup>

Ou a pessoa denuncia o Cristianismo como falso, em cujo caso sua cosmovisão confronta com a nossa, e deve encarar nossos argumentos, ou deve confessar com seu coração que “Jesus é Senhor”, o que ninguém pode fazer senão pelo Espírito de Deus (1Coríntios 12:3). Qualquer posição intermediária é nada menos que “bobagem condescendente”.

“Quem pode ser salvo?” A resposta é que ninguém pode alcançar a salvação à parte da graça e poder de Deus. A salvação vem de Deus somente, a Bíblia diz. Ela não depende da vontade ou esforço do homem, mas da eleição e misericórdia de Deus. Ela depende da obra redentora de Cristo, e a suficiência de tal obra, por sua vez, depende da divindade de Cristo. “Bom mestre, que farei para herdar a vida eterna? Por que você me chama bom? Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus”. Nós devemos ou negar a bondade de Cristo para a condenação da nossa alma, ou afirmar sua divindade e sermos salvos dos nossos muitos pecados. Não há lugar intermediário; não há alternativa.

---

<sup>7</sup> C. S. Lewis, *Mere Christianity*; New York: Touchstone, 1996 (original: 1943); p. 56.



## 4. BELEZA IMPERECÍVEL

Os incrédulos são ignorantes em pensamento e comportamento, e tendem a aplicar os princípios e prioridades correspondentes quando diz respeito à escolha do cônjuge. Mas o fato que os cristãos não são animais selvagens demanda que eles procurem padrões mais altos para direção na área de noivado e casamento.

Há um episódio no *Alice in Wonderland* [Alice no País das Maravilhas], onde nossa protagonista pede direções ao Gato de Cheshire:

“Gatinho de Cheshire... O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?”

“Isso depende muito de para onde você quer ir”, respondeu o Gato.

“Não me importo muito para onde...”, retrucou Alice.

“Então não importa o caminho que você escolha”, disse o Gato.

“... contanto que dê *em algum lugar*”, Alice completou.

“Oh, você pode ter certeza que vai chegar”, disse o Gato, “se você caminhar bastante.”<sup>1</sup>

Se um homem não tem nenhuma idéia do que ele está ou deveria estar procurando numa companheira, então parece que importa pouco qual direção toma em termos do processo de seleção, e não é importante com o que ele termina. Ao cristão, por outro lado, é dada uma direção autoritativa, provendo-lhe o conceito do tipo de família que deve estar buscando estabelecer. Uma vez que existe um *telos*, ou propósito, os elementos individuais se tornam focados e direcionados corretamente.

No que se segue, pretendo delinear várias características de uma esposa bíblica. A maioria das exigências é comum a todos os cristãos – assim como nenhum crente deveria ser um mentiroso, uma esposa desonesta é inepta como uma candidata ao casamento. Estamos interessados nas características especialmente importantes e relevantes que um homem deve procurar. Embora a informação que será fornecida aqui beneficiará mulheres casadas ou não, bem como homens casados, estou escrevendo primariamente com homens não casados em mente, que estão buscando direções nessa área.

Como mencionado, o *telos* dado por Deus para o casamento governa o critério pelo qual uma mulher é considerada apropriada para ser a esposa de um cristão. Sem entrar em detalhes, irei listar aqui somente vários exemplos que indicam o propósito de Deus para a união de um homem e uma mulher. Gênesis 2:18 indica que a esposa deve ser uma “auxiliadora idônea” (RA) para o homem. Apenas isso já tem tremendas implicações para o tipo de mulher com a qual alguém pode ou não se casar. Certamente, todas as feministas estão excluídas; o mesmo é verdade com toda mulher cujas ambições pessoais – seja de natureza social, financeira ou vocacional – ameaçarão a agenda que o marido determinou para a família.

---

<sup>1</sup> Lewis Carroll, *Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass*; Vermont: Everyman, 1993 edition; p. 56-57. Nota do tradutor: Utilizei a tradução de Clélia Regina Ramos, disponível na internet.



Outro propósito revelado para um casamento digno da aprovação divina é que Deus está “buscando uma semente de piedosos” (Malaquias 2:15, RC). Um homem, ao considerar uma mulher para o casamento, deve estar confiante que ela será uma contribuição positiva para tal programa. É com este tipo de preceitos bíblicos em mente, embora o exposto acima não esgote os mesmos, que apresento o princípio geral que uma esposa bíblica deveria ser reverente, obediente e competente; essas palavras são intercambiáveis com espiritual, submissa e capaz no presente estudo. Consideraremos agora o significado e implicação de cada uma delas.

A palavra *reverente* pode parecer muito ampla se usada de forma livre, mas aqui tenho um significado definido em mente. Primeiro, a palavra deve indicar uma espiritualidade legítima, pela qual queremos dizer que a mulher em questão deve ser uma cristã. Isso em si mesmo cria grande dificuldade, visto que a maioria das pessoas nas igrejas de hoje não são cristãos genuínos, e mesmo aqueles que são verdadeiramente regenerados podem estar num nível tão baixo de santificação que a vida espiritual neles é dificilmente detectável.

Pode parecer que essa é minha resposta sugerida para tudo, mas isso serve apenas para ilustrar a consistência da teologia bíblica, que o primeiro passo para aprender como encontrar um companheiro é estudar teologia. Se um homem não pode fazer distinções básicas entre profissões de fé falsas e verdadeiras, ele não pode nem mesmo começar a escolher uma mulher para ser sua esposa. Nesse ponto, se podemos ser tão ousados, assumimos que o próprio homem é um cristão verdadeiro.

2 Coríntios 6:14-15 aplica-se a várias situações, incluindo o casamento: “Não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois o que têm em comum a justiça e a maldade? Ou que comunhão pode ter a luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e Belial? Que há de comum entre o crente e o descrente?”. O cristão e o não-cristão submetem-se a duas autoridades supremas que são antitéticas, e na extensão em que vivem consistentemente com suas cosmovisões opostas, os conflitos surgirão no relacionamento.

Mas se tanto o homem como a mulher tem a revelação verbal de Deus, a Escritura, como seu primeiro e último princípio de raciocínio e conduta, então qualquer disputa é resolvida através de um apelo ao mesmo. Embora, como indicaremos abaixo, as decisões finais no lar estejam no poder do marido, ele não é o Deus da esposa, visto que *ambos* olham para uma terceira e suprema autoridade, que é a palavra de Deus. Essa mesma autoridade tem imposto uma estrutura de autoridade sobre a família, com o marido como o cabeça; mas ele governa o lar através de preceitos divinos, e não seus pensamentos e preferências independentes. Dessa forma, os conflitos são também resolvíveis, e resolvíveis de uma forma que é objetivamente correta; os desacordos são, em última análise, não centrais, mas periféricos.

Isso não é assim se um é crente e o outro não. Não há nenhuma área cinza entre ser um cristão e um não-cristão – ou uma pessoa tem fé na mensagem do evangelho, ou não tem. Tiago escreve: “Adúlteros, vocês não sabem que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Quem quer ser amigo do mundo faz-se inimigo de Deus” (Tiago 4:4). Essas são palavras fortes – ou você é um amigo de Deus, ou é o seu inimigo. Não há terreno neutro. Se você alega não ter nenhuma opinião, você

ainda é seu inimigo. Jesus adverte: “Aquele que não está comigo, está contra mim; e aquele que comigo não ajunta, espalha” (Mateus 12:30).

Todo aquele que não obedece a Cristo, o desafia; todo aquele que não o ama, o odeia. Duas pessoas que discordam sobre tal nível fundamental unirem-se na mais sagrada de todas as relações entre dois mortais é um desastre. Estatísticas relevantes, tais como taxas de divórcio, deveriam ser bem conhecidas pelo leitor, de forma que não preciso fornecer evidência sobre esse ponto. Contudo, estatísticos e pesquisadores, que não tem nenhum interesse em teologia cristã, parecem ter mostrado que a taxa de divórcio entre os cristãos evangélicos é quase a mesma daquela entre os não-cristãos, ou até maior.

Isso apenas reforça minha ênfase anterior que devemos aprender a distinguir entre profissões de fé falsas e verdadeiras. Mesmo sem uma análise cuidadosa desses exemplos, podemos assumir que a maioria deles eram de fato apenas cristãos *nominais* – isto é, não-cristãos que se consideram crentes genuínos. A razão pela qual podemos dizer isso é que a Bíblia ordena a reconciliação e não o divórcio entre os crentes, e somente permite a última opção no caso de adultério. Ou, pode ser que haja uma alta taxa de adultério entre os cristãos professos, em cujo caso nosso ponto é uma vez mais demonstrado, ou seja, que a maioria deles não são cristãos verdadeiros de forma alguma.

Visto que não estamos interessados em estatísticas neste ponto, não consideraremos outras possibilidades aqui, tais como os casos onde alguém se torna um cristão após o casamento, e o incrédulo recusa permanecer no relacionamento. Em todo caso, tais exemplos não podem explicar a alta taxa de divórcio entre os cristãos professos, mas os números fazem sentido quando percebemos que a maioria deles nunca foi regenerado por Deus. Por outro lado, obediência e aplicação consistente dos preceitos bíblicos por parte do marido e da esposa garantem a permanência da união sagrada; o fracasso acontece somente quando há quebra dos preceitos bíblicos.

Assim, uma candidata ao casamento deve ser uma cristã verdadeira. Ignorar esse ensino bíblico é arriscar sofrer uma vida inteira de desgosto e frustração, mas o desejo de obedecer aos mandamentos de Deus deveria ser suficiente em si mesmo para nos impedir de cometer tal erro. Podemos fazer agora uma observação adicional sobre o significado de ser reverente, que é na realidade somente uma extensão do que já foi dito.

Romanos 8:7 declara: “A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo”. Assim como uma mentalidade da carne não pode se submeter aos preceitos de Deus, uma mentalidade tornada espiritual por meio da regeneração e que cresce em maturidade na santificação pode e de fato obedece às leis de Deus. Como o versículo 5 explica: “Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja”.

Uma pessoa “espiritual” não é alguém preocupada com misticismo e conhecimento esotérico, mas alguém cuja mente está “voltada para o que o Espírito deseja” como nos revelado na Escritura. Portanto, quando dizemos que uma mulher

deve ser espiritual, estamos dizendo que ela deve ser uma boa cristã, ou alguém cujos pensamentos e ações estão em conformidade com a Bíblia.

Quando falando às mulheres com respeito ao casamento, Paulo escreve: “A mulher está ligada a seu marido enquanto ele viver. Mas, se o seu marido morrer, ela estará livre para se casar com quem quiser, contanto que ele pertença ao Senhor” (1 Coríntios 7:39). Tecnicamente, os preceitos de Deus não impedem alguém de casar com quem quer que deseje, contanto que a outra pessoa seja um cristão. Contudo, dado esse decreto bíblico, na prática parece necessário excluir cristãos decaídos, visto que enquanto a pessoa permanecer em tal estado, ninguém pode estar certo de que ela é uma crente genuína.

Certamente, se o indivíduo em questão retorna ao Senhor, e mostra sinais verdadeiros de fé e arrependimento, então ela se torna uma candidata legítima para um casamento cristão. Esse é o porquê eu digo que um cristão pode casar somente com outro *bom* cristão – para evitar que alguém encontre uma desculpa para se casar com cristãos nominais que não são crentes de forma alguma. É importante não ir além dos preceitos bíblicos ao definir uma candidata legítima ao casamento, enquanto sendo cuidadoso para obter certeza que seu pleno significado está aplicado.

Se ser espiritual significa submeter-se aos preceitos de Deus, então nossa segunda característica de obediência parece estar inclusa nessa exigência ampla, e de fato está. Uma pessoa espiritual é também obediente às autoridades legítimas. Mas aqui estou levantando esse ponto particularmente com respeito à relação da mulher com seu marido.

Após a queda do homem, como registrado em Gênesis 3, Deus diz para a mulher: “Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará” (v. 16). Um comum, todavia improvável, entendimento do versículo toma-o como dizendo que a mulher experimentaria grande desejo por seu marido sexualmente falando, ou pelo menos de sua companhia, o que parece não ter nenhuma relação com a última cláusula da sentença. Refletindo essa visão, a *Living Bible* diz: “Você terá desejo pelas afeições do seu marido, e ele será o seu senhor”.

Outra interpretação desse versículo equivale à seguinte tradução: “Seu desejo será *dominar* o seu marido, *mas* ele a dominará”. Julgando a partir de uma expressão similar em Gênesis 4:7, essa é uma opção melhor. Matthew Poole desenvolve o pensamento e escreve:

... teus desejos serão referidos ou submetidos à vontade e prazer do teu marido para concedê-los ou negá-los, como ele achar certo... E esse castigo foi... muito doloroso para ela, pois as afeições das mulheres costumam ser veementes, e é irritante para elas tê-las restringidas ou negadas. Visto que, por falta do governo e conduta do teu marido, foste seduzida pela serpente, e abusou do poder que lhe dei junto ao teu marido para arrastá-lo ao pecado, tu serás agora humilhada a um grau menor, pois ele te dominará; não com aquela mão doce e gentil que usou

anteriormente, como um guia e conselheiro somente, mas com uma mão superior e dura, como um senhor e governador, a quem dou agora maior poder e autoridade sobre ti do que tinha antes, (que por teu orgulho e corrupção será mais difícil para ti, do que seu reinado anterior) e que usurpará um poder mais do que lhe dei, e, por minha permissão, para teu castigo, te dominará muitas vezes com rigor, tirania, e crueldade, de forma que generás, mas não serás capaz de se livrar dele”.<sup>2</sup>

Há aqueles que afirmam que antes da Queda, homem e mulher tinham igual autoridade no relacionamento matrimonial, e somente após a mulher ter pecado é que o homem passou a dominá-la como um castigo para ela. Os comentários acima de Poole, embora corretos de uma maneira geral, podem ser entendidos incorretamente como apoiando tal posição, visto que ele não afirma a autoridade distinta que o homem tinha sobre a mulher mesmo antes da Queda, embora forneça um fraco reconhecimento disso.

Poole admite que o homem dominava a família antes da Queda, mas, todavia, com uma “mão doce e gentil”. E agora, Deus lhe deu “maior poder e autoridade... do que tinha antes”, implicando que ele tinha poder sobre a mulher desde o começo. Contudo, é duvidoso que Adão foi “um guia e conselheiro somente” para a mulher. A evidência bíblica indica que ele era muito mais.

Alguns alegam que a subordinação da mulher é somente um resultado do pecado, e que deve ser inteiramente negada após a morte e ressurreição de Cristo. Mas se é assim, doença e morte também se originaram por causa do pecado, e pela mesma lógica deveria estar agora completamente ausentes da experiência humana, pelo menos para os cristãos. O ponto é que mesmo que fosse verdade que Deus sujeitou a mulher ao homem puramente devido ao pecado, não se segue necessariamente, a menos que a Bíblia indique tal coisa, que a estrutura de autoridade no lar foi abolida.

Em todo caso, Paulo ensina que a autoridade do marido sobre sua esposa não é somente um resultado do pecado, mas é uma ordenança da criação. Isto é, pela natureza e ordem da criação do homem e da mulher, o marido tem autoridade sobre a esposa: “Pois o homem não se originou da mulher, mas a mulher do homem; além disso, o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem” (1 Coríntios 11:8-9); “A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva” (1 Timóteo 2:11-13). Qualquer ordenança de Deus instituída devido à própria natureza da criação ainda está em efeito, enquanto permanecermos como seres humanos.

Há aqueles que entendem Gênesis 3:16 como uma declaração preditiva que o relacionamento matrimonial daquele momento em diante seria um no qual o homem e a mulher buscam a posição de domínio; isto é, controlar de maneira pecaminosa. Essa interpretação pressupõe que nem o marido nem a esposa deveriam dominar, mas considerando outras passagens sobre estrutura familiar tanto no Antigo como no Novo Testamento, não podemos aceitar essa pressuposição ou sua interpretação resultante

---

<sup>2</sup> *Matthew Poole's Commentary on the Holy Bible, Vol. 1*; Hendrickson Publishers, p. 11.

desse versículo. Alguém pode dizer que, embora o versículo não negue o direito do marido de governar o lar, ele é preditivo do uso tirânico da autoridade; isto é, enquanto a mulher busca domínio, o homem abusa do seu lugar no lar. Não estou convencido por essa interpretação; embora alguns homens indubitavelmente abusem da sua autoridade, o texto em questão não declara ou implica isso.

Sendo cuidadoso para não dar uma generalização simplista dele, pelo menos um aspecto importante do movimento feminista, e da teologia feminista também, é alterar a estrutura estabelecida do relacionamento matrimonial. Mas em nome da igualdade, os esforços dessas almas ímpias frequentemente resultam na erosão da unidade mais básica da sociedade, a família. Desde o princípio, Deus designou que o homem seria o cabeça do lar, mas o pecado gerou na mulher um desejo de usurpar a autoridade do marido, de se libertar do seu governo, e assim desafiar a estrutura familiar imposta pelo próprio Deus. Mas a alegria e esperança dos homens e das mulheres residem em conhecer e obedecer aos mandamentos bíblicos, e não em lutar contra eles.

A liderança do homem na família tem sido um assunto controverso, tanto dentro como fora dos círculos teológicos. Como veremos brevemente, a razão para tal debate acalorado não é porque a Escritura não seja clara sobre o assunto, mas devido ao clima ideológico dos nossos dias, a tendência pecaminosa dos seres humanos (nesse caso, as mulheres) odiarem a autoridade legítima, e as ocorrências atuais de abuso de autoridade por parte de maridos. Mas nenhuma dessas razões neutraliza os preceitos divinos de Deus.

A autoridade dada ao marido pode ser abusada; contudo, a palavra de Deus governa o poder do marido no lar; e fornece direções quanto a como ele deve tratar sua esposa: “Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela” (Efésios 5:25). E uma porção relacionada da minha *Teologia Sistemática* declara: “Não subestime o que Deus está demandando dos homens aqui – eles devem amar suas esposas da mesma forma que Cristo ama sua igreja, que é caracterizado por amor sacrificial em seu favor. Paulo está ordenando que os homens amem suas esposas o suficiente para morrer por elas. Na medida em que alguém não possua tal amor por sua esposa, ele está sendo inferior a um homem na aceção bíblica. Pessoalmente, minha estima de um homem nunca será maior que seu amor por Deus, pela Bíblia e por sua esposa”.<sup>3</sup>

Ao insistir na submissão da esposa, não queremos de forma alguma excluir o marido de suas próprias faltas. Embora possamos prontamente reconhecer a responsabilidade do marido, e as ocorrências reais de abuso, a obrigação da esposa de se submeter à autoridade ordenada por Deus permanece imutável. O maior motivo para a negação da estrutura bíblica de autoridade para a família é o pecado, a tendência agora inerente das mulheres desafiarem até mesmo a autoridade legítima. Ao invés de sobrepujar os preceitos divinos, isso simplesmente prova o decreto de Deus como verdadeiro: “Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará”. Esse é um desejo, diz *Keil & Delitzsch*, “que beira a doença”.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Vincent Cheung, *Systematic Theology*, edição 2001; capítulo 4.

<sup>4</sup> C. F. Keil and F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament, Vol. 1*; Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc., 2001; p. 64.

Agora examinaremos várias passagens bíblicas sobre o assunto. A primeira é 1 Pedro 3:1-6, que diz: “Do mesmo modo, mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, a fim de que, se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês. A beleza de vocês não deve estar nos enfeites exteriores, como cabelos trançados e jóias de ouro ou roupas finas. Ao contrário, esteja no ser interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranqüilo, o que é de grande valor para Deus. Pois era assim que também costumavam adornar-se as santas mulheres do passado, que colocavam sua esperança em Deus. Elas se sujeitavam cada uma a seu marido, como Sara, que obedecia a Abraão e o chamava senhor. Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo”.

Primeiro, a passagem mostra que as esposas devem não somente se sujeitar aos maridos cristãos, mas serem submissas mesmo quando os homens são incrédulos. Certamente, em outro lugar descobriremos que uma mulher cristã pode se casar somente com outro cristão (1 Coríntios 7:39). E, assim, Pedro aqui se dirige à mulheres que se tornaram cristãs após se casarem com um incrédulo.

A parte concernente à submissão entra na discussão quando o apóstolo diz que os homens podem ser “ganhos sem palavras”. Contudo, isso não significa que uma pessoa pode trazer outra à fé em Cristo sem comunicar verbalmente a mensagem do evangelho. É popular assumir hoje em dia que “a ação fala mais alto que as palavras”, mas isso é contrário à posição bíblica.

Note que esses maridos, a quem Pedro exorta as esposas a se submeterem, são ditos já ter rejeitado o evangelho comunicado verbalmente, quer por suas esposas ou por alguém outro. Assim, o conteúdo intelectual da fé cristã já tinha sido transmitido a esses homens, embora recusassem lhe dar assentimento. Pedro, então, está dizendo às esposas que Deus pode, todavia, usar subsequentemente a “pureza e reverência” delas como o meio pelo qual impressionar e converter seus maridos, de forma que possam dar assentimento ao que já ouviram. Assim, a passagem pressupõe a pregação do evangelho.

Pedro continua para observar que uma vida caracterizada por submissão, pureza e reverência é o que torna uma mulher verdadeiramente bela. Contra os padrões do mundo, o Cristianismo enfatiza a beleza interior, de forma que o verdadeiro valor da mulher não está limitado nem é definido por sua aparência. Por outro lado, mesmo aquelas cujas características externas impressionam a maioria dos homens, podem, todavia, ser grotescas e ímpias por dentro. Mas visto que o poder da transformação interna é somente disponível através do evangelho, segue-se que nenhuma mulher não-regenerada é verdadeiramente bela.

Mesmo a mulher com a melhor aparência possui somente uma beleza que é superficial e passageira, enquanto a “beleza que não perece” pertence a alguém com um “espírito dócil e tranqüilo”. Esse é verdadeiramente um traço raro em nossos dias. Como Provérbios 21:9,19 diz: “Melhor é viver num canto sob o telhado do que repartir a casa com uma mulher briguenta...Melhor é viver no deserto do que com uma mulher briguenta e amargurada”. Com respeito a Dalila, está registrado em Juízes 16 que: “Importunando-o o tempo todo, ela o cansava [a Sansão] dia após dia, ficando ele a ponto de morrer” (v. 16). Em outro lugar, a Bíblia diz: “A esposa briguenta é



como o gotejar constante num dia chuvoso; detê-la é como deter o vento, como apanhar óleo com a mão” (Provérbios 27:15-16; também 19:13). Pingo... Pingo... Pingo!

Um “espírito dócil e tranqüilo” não somente impedirá o marido de pular da janela, mas Pedro diz que ele é também “de grande valor aos olhos de Deus” (1 Pedro 3:4, NIV). O que parecer se uma Vênus aos olhos do homem é mais frequentemente uma Medusa aos olhos de Deus. Parte da santificação envolve aprender como ver as pessoas e coisas como Deus as vê: “Ai dos que chamam ao mal bem e ao bem, mal, que fazem das trevas luz e da luz, trevas, do amargo, doce e do doce, amargo!” (Isaías 5:20).

Enquanto a beleza natural pode perecer, a beleza interior, possível somente ao cristão, pode se desenvolver e crescer por toda a vida, e persistir mesmo após a morte. Paulo diz: “Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia” (2 Coríntios 4:16). Uma mulher que não possui uma beleza interior não terá nada no final. Da mesma forma, uma pessoa que não pode ver nada além de desenvolver sua saúde física e aparência carece de sabedoria: “O exercício físico é de pouco proveito; a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura” (1 Timóteo 4:8).

Parenteticamente, contrário a alguns, afirmo que embora a beleza física seja relativamente sem importância, e não possua nenhum valor espiritual, ela é, todavia, uma benção de Deus. Por exemplo, vemos que quando a riqueza de Jó foi lhe restaurada, Deus também lhe deu filhas que são descritas como fisicamente atrativas: “O Senhor abençoou o final da vida de Jó mais do que o início. Ele teve catorze mil ovelhas, seis mil camelos, mil juntas de boi e mil jumentos. Também teve ainda sete filhos e três filhas. À primeira filha deu o nome de Jemima, à segunda o de Quézia e à terceira o de Quéren-Hapuque. Em parte alguma daquela terra havia mulheres tão bonitas como as filhas de Jó, e seu pai lhes deu herança junto com os seus irmãos” (Jó 42:12-15).

Pedro continua: “Pois era assim que também costumavam adornar-se as santas mulheres do passado, que colocavam sua esperança em Deus. Elas se sujeitavam cada uma a seu marido, como Sara, que obedecia a Abraão e o chamava senhor. Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo” (1 Pedro 3:5-6). Como elas se tornaram belas? “Elas se sujeitavam cada uma a seu marido”. Embora Sara fosse “uma mulher muito bonita” (Gênesis 12:14) em termos de aparência, Pedro cita-a como um exemplo de prioridade em alcançar a beleza interior através da submissão. Ser fisicamente atrativa não é suficiente – Sara tornou-se bela porque ela “obedecia a Abraão e o chamava senhor”.

Assim como os cristãos se tornam filhos de Abraão através da fé em Cristo (Gálatas 3:7), as mulheres devem seguir Sara em sua obediência. Pedro não ignora a existência de maridos abusivos, mas diz: “Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo” (v. 6). O comportamento ímpio dos maridos não escusa as esposas de seguirem os preceitos de Deus. A instrução bíblica é “praticar o bem e não dar lugar ao medo” no contexto de ser submissa ao marido, de forma que “se ele não obedece à palavra, seja ganho sem palavras, pelo procedimento de sua mulher, observando a conduta honesta e respeitosa de vocês” (v. 1-2).

Procedendo para a próxima passagem, lemos em Efésios 5: “Mulheres, sujeitem-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos.... Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher trate o marido com todo o respeito” (Efésios 5:22-24,33).

A passagem completa do versículo 22 ao 33 contém rico conteúdo e demanda exegese sofisticada para expô-la completamente, mas para o nosso propósito restrito nesse ponto, tal coisa não é necessária. A porção citada é totalmente auto-explicativa, não obstante as muitas tentativas por parte de comentaristas para subverter o claro significado dessa passagem. Observe como um desses eruditos tenta escapar da força das palavras de Paulo:

Submeter-se significa abrir mão dos seus próprios direitos. Se a relação exigir, como nas forças armadas, o termo pode conotar obediência, mas esse significado não é requerido aqui. De fato, a palavra ‘obedecer’ não aparece na Escritura com respeito às esposas, embora apareça com respeito aos filhos (6:1) e escravos (6:5).<sup>5</sup>

Embora submissão seja aqui definida como “abrir mão dos seus próprios direitos”, uma noção mais popular do termo, quando contrastada com “obediência”, tem submissão como se referindo a humildade e respeito nas atitudes da esposa, e não uma conformidade no comportamento aos desejos do marido. Portanto, sob essa última definição, é concebível que uma esposa possa desobedecer ao marido em cada aspecto, enquanto sendo plenamente submissa a ele, simplesmente por possuir uma atitude respeitosa para com ele. Ambas as explicações são problemáticas ao considerar o contexto da passagem e a existência de outros versículos bíblicos que as contradizem.

Mas antes de tentarmos uma refutação, examinemos mais um argumento contra a obrigação da esposa de obedecer, que subsequentemente será um tiro que sairá pela culatra. Pode ser argumentado que, visto que o versículo 21 – que diz, “Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo” – define o contexto da passagem com um que ensina a submissão mútua, o versículo 22 não pode estar dizendo às esposas obedecer aos seus maridos, assim como a submissão mútua entre os cristãos não implica em obediência mútua.

Contudo, essa linha de raciocínio perde o ponto da passagem. Mesmo se permitirmos que o entendimento do versículo 21 defina o contexto para 5:22-6:9, o conteúdo da passagem deixa claro que a submissão mútua não significa a mesma coisa em toda relação. O significado e a base da submissão mútua entre maridos e esposas, pais e filhos, e senhores e escravos não é a mesma em todo caso.

---

<sup>5</sup> *The NIV Study Bible, 10th Anniversary Edition*; Grand Rapids, Michigan: The Zondervan Corporation, 1995; Notas sobre Efésios 5:22.



Por exemplo, Paulo diz que as esposas deveriam obedecer aos seus maridos, pois “o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja” (v. 23). Isso não é verdade com respeito a *nenhum outro* relacionamento humano – quer entre cristãos, pais e filhos, ou senhores e escravos. Agora, se as esposas deveriam ser submissas aos seus maridos no mesmo sentido que a igreja é submissa a Cristo, não é possível que estejamos simplesmente nos referindo a abrir mão dos próprios direitos ou a uma atitude de respeito. A igreja deve prestar obediência absoluta a Cristo tanto em pensamento como em ação; da mesma forma, o significado de submissão no relacionamento matrimonial significa que as esposas devem ser respeitadas em atitude e obedientes em sua ação e comportamento.

A parte do marido no casamento também é definida, não como de obediência, mas amor sacrificial: “Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela” (v. 25). Dizer que “submissão mútua” significa a mesma coisa para todo mundo em todo relacionamento é ignorar todos esses detalhes nesse texto bíblico. Assim, Paulo não está dizendo que as esposas deveriam respeitar, mas não obedecer aos seus maridos, enquanto somente os filhos e os escravos precisavam obedecer. Ele está indicando que as esposas devem obedecer aos seus maridos, os filhos aos seus pais e os escravos aos seus senhores.

Ainda mais embaraçoso é a alegação que “a palavra ‘obedecer’ não aparece na Escritura com respeito às esposas, embora apareça com respeito aos filhos (6:1) e escravos (6:5)”. Primeiro, embora a palavra traduzida como “sujeite-se” (*hypotassō*) no versículo 22 seja diferente daquela traduzida como “obedeçam” (*hypakouō*) em 6:1 e 6:5, em si mesma ela carrega o significado de obediência.

Por exemplo, a mesma palavra *hypotassō* é usada em Lucas 2:51, mas dessa vez a tradução na NVI reflete o significado de obediência: “Então [Jesus] foi com eles para Nazaré, e era-lhes obediente”. Mas *hypakouō* é usado em Efésios 6:1, onde é dito: “Filhos, obedeçam a seus pais no Senhor, pois isso é justo”. O nosso comentarista ousa insinuar que Jesus se submeteu aos seus pais meramente em sua atitude, mas não fazia o que eles diziam? Se sim, Jesus obedeceu ao mandamento, “honra teu pai e tua mãe”, citado como sendo a base para a obediência dos filhos em Efésios 6:2? Evidentemente, nosso comentarista confundiu sua exegese ao tentar livrar as mulheres de obedecerem aos seus maridos.

Mas essa não é a melhor parte. Lembre-se que ele afirmou: “a palavra ‘obedecer’ não aparece na Escritura com respeito às esposas”. Com isso, podemos assumir que ele quer dizer que *hypakouō* nunca é usado na Escritura quando se referindo às esposas, mas somente *hypotassō*. Contudo, *hypakouō* é usado para descrever Sara na passagem que já analisamos, 1 Pedro 3:5-6: “Pois era assim que também costumavam adornar-se as santas mulheres do passado, que colocavam sua esperança em Deus. Elas se sujeitavam cada uma a seu marido, como Sara, que obedecia [*hypakouō*] a Abraão e o chamava senhor. Dela vocês serão filhas, se praticarem o bem e não derem lugar ao medo”.

Visto que Sara era a esposa de Abraão, e ela obedecia (*hypakouō*) seu marido, e as esposas cristãs são instadas a imitá-la, com sua obediência a Abraão como o objeto específico de imitação, segue-se necessariamente que *hypakouō* deve ser igualmente aplicado a todas as esposas cristãs. Sempre que *hypakouō* ou *hypotassō* é

usado, a Bíblia está dizendo que as esposas devem se sujeitar, serem respeitadas e obedecer aos seus maridos – nada menos.

Se as esposas protestam que isso é muito difícil de ser feito, que elas lembrem que o dever do marido é muito mais desafiador: “Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela” (Efésios 5:25). O mandamento não é que os maridos mostrem meramente afeição, mas amor às esposas até a morte, e estimá-las mais que a sua própria vida e bem-estar.

Muitas mulheres são difíceis de serem amadas, especialmente as rebeldes. Se Deus não gerar amor divino dentro dos nossos corações, seria de fato humanamente impossível amar como Cristo ama. De qualquer forma, é melhor que o marido e a esposa sigam os preceitos de Deus, visto que talvez seja mais fácil obedecer a um esposo amoroso, e amar uma esposa obediente. Mas mesmo então, cada um é responsável diante de Deus, a despeito do que o outro faça, como afirmado pelo apóstolo Pedro (1 Pedro 3:1-7). Um esposo que não é amoroso não é escusa para a desobediência da esposa.

Dado os argumentos e explicações acima, a tradução estendida de Kenneth Wuest sobre essa passagem está justificada: “As esposas, sujeitem-se com implícita obediência aos seus maridos como ao Senhor, pois um marido é o cabeça da esposa assim como Cristo é o Cabeça da Igreja... como a Igreja se sujeita em obediência a Cristo, dessa maneira também as esposas devem se sujeitar em obediência aos seus maridos em todas as coisas... que tratem continuamente seu marido com consideração e obediência reverente” (Efésios 5:22-33).<sup>6</sup>

Apenas para descartar rapidamente uma objeção popular, porém errônea, à estrutura de autoridade bíblica para a família, muitos citam Gálatas 3:28 para argumentar contra toda “desigualdade” ou distinções de gênero: “Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus”. Visto que em Cristo, “não há... homem nem mulher”, o argumento proposto é que não deveria haver nenhuma distinção de função ou diferença em autoridade dentro do relacionamento matrimonial.

Contudo, se esse é o significado tencionado do versículo, não teria sentido Paulo escrever: “Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor”, e “Escravos, obedçam a seus senhores terrenos com respeito e temor, com sinceridade de coração, como a Cristo” (Efésios 5:22, 6:5). Em adição, se o versículo pode ser aplicado dessa maneira, então pelo mesmo raciocínio, os casamentos homossexuais também são permitidos, visto que o gênero torna-se absolutamente irrelevante no casamento. Mas a Escritura condena severamente o homossexualismo como pecado e a consequência de uma mente depravada (Romanos 1:24-28).

Portanto, Gálatas 3:28 não abole todas as distinções de gênero, e certamente não aquelas que a Escritura explicitamente afirma, tais como a estrutura de autoridade da família. Quando lido no contexto, torna-se óbvio que o versículo refere-se à igualdade de todo indivíduo eleito em seu pronto acesso à justificação pela fé: “Todos

---

<sup>6</sup> Kenneth S. Wuest, *The New Testament: An Expanded Translation*; Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1961.

vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gálatas 3:26-29).

Toda pessoa, a despeito de raça, gênero e status social, tem igual acesso à salvação em Cristo por meio da fé, embora na realidade somente os eleitos a obtenham (Romanos 11:7). O versículo em questão não transmite nenhuma referência à igualdade de gênero ou distinções de papel em qualquer outro ambiente. Contudo, é importante observar que em nenhum lugar a Escritura diz que as mulheres são inerentemente inferiores como seres humanos. De fato, visto que Gênesis 1:27 nos diz que tanto homens como mulheres foram criados à imagem de Deus, eles são inerentemente iguais como seres humanos: “Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Todavia, Deus desejou que as mulheres fossem subordinadas aos seus maridos dentro do relacionamento matrimonial.

Examinamos somente três passagens bíblicas com certo detalhe – Gênesis 3:16, 1 Pedro 3:1-6 e Efésios 5:22-33 – mas há muitas outras que declaram ou implicam a divinamente instituída estrutura de autoridade na família como exposto acima. Após listar várias passagens relevantes sobre o assunto, Elizabeth Handford escreve: “Se você for intelectualmente honesto, terá que admitir que é impossível encontrar uma única abertura, uma única exceção, um ‘se’ ou ‘exceto’. A Escritura diz, sem qualificação, ao leitor de mente aberta, que uma mulher deve obedecer ao seu marido”.<sup>7</sup> Uma esposa deve obedecer ao seu marido, Paulo diz, “a fim de que a palavra de Deus não seja difamada” (Tito 2:5); dessa forma, uma esposa desobediente traz vergonha ao reino de Deus.

Para ser uma esposa bíblica, uma mulher reverente e obediente, é necessário ser competente também. Diferente das duas primeiras, essa característica é pelo menos parcialmente uma necessidade funcional dentro do relacionamento matrimonial, e não inteiramente um traço moral, embora parte do que significa, tal como diligência, permaneça uma questão moral. Concordo que uma mulher espiritual e obediente possa ao mesmo tempo não ser muito capaz, mas essa deficiência provará ser um grande obstáculo ao cumprimento do seu papel como uma esposa, que é ser uma auxiliadora para o seu marido.

Provérbios 31:10-31 consiste de um poema, construído acroscopicamente usando todas as vinte e duas letras do alfabeto hebraico, no qual o escrito exalta a virtude de uma esposa “plenamente capaz”.<sup>8</sup> Aqui está a passagem na íntegra:

Uma esposa exemplar; feliz quem a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis. Seu marido tem plena confiança nela e nunca lhe falta coisa alguma. Ela só lhe faz o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida. Escolhe a lã e o linho e com prazer trabalha com as mãos. Como os navios mercantes, ela

<sup>7</sup> Elizabeth Rice Handford, *Me? Obey Him?*; Murfreesboro, Tennessee: Sword of the Lord Publishers, 1994; p. 31.

<sup>8</sup> Jay E. Adams, *The Christian Counselor's Commentary: Proverbs*; Woodruff, South Carolina: Timeless Texts, 1997; p. 228.

traz de longe as suas provisões. Antes de clarear o dia ela se levanta, prepara comida para todos os de casa, e dá tarefas às suas servas. Ela avalia um campo e o compra; com o que ganha planta uma vinha. Entrega-se com vontade ao seu trabalho; seus braços são fortes e vigorosos. Administra bem o seu comércio lucrativo, e a sua lâmpada fica acesa durante a noite. Nas mãos segura o fuso e com os dedos pega a roca. Acolhe os necessitados e estende as mãos aos pobres. Não teme por seus familiares quando chega a neve, pois todos eles vestem agasalhos. Faz cobertas para a sua cama; veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é respeitado na porta da cidade, onde toma assento entre as autoridades da sua terra. Ela faz vestes de linho e as vende, e fornece cintos aos comerciantes. Reveste-se de força e dignidade; sorri diante do futuro. Fala com sabedoria e ensina com amor. Cuida dos negócios de sua casa e não dá lugar à preguiça. Seus filhos se levantam e a elogiam; seu marido também a elogia, dizendo: “Muitas mulheres são exemplares, mas você a todas supera”. A beleza é enganosa, e a formosura é passageira; mas a mulher que teme o Senhor será elogiada. Que ela receba a recompensa merecida, e as suas obras sejam elogiadas à porta da cidade.

Terei tempo apenas para listar algumas observações elementares aqui, deixando ao leitor realizar uma leitura e contemplação mais profunda sobre o texto.

A passagem descreve uma mulher que possui grande liberdade em tomar decisões para o seu marido. A partir do conteúdo da passagem, podemos observar que sua “plena confiança” nela não é baseada somente num conhecimento dos seus motivos puros, mas também sobre a certeza com respeito à sua capacidade como uma auxiliadora na família. Ela pode ser uma auxiliadora, mas o texto relaciona uma lista impressionante de qualidades e habilidades que muitos homens não possuem, de forma que um erudito comentando sobre isso diz: “O padrão dessa senhora não deve ser entendido como estando ao alcance de todas, pois pressupõe dons incomuns e recursos materiais”.<sup>9</sup>

Embora concorde parcialmente com a primeira parte da declaração do comentarista, tenho dúvidas com respeito às razões que ele dá para fazer da senhora no texto uma exceção. Certamente, as habilidades atribuídas a ela são incomuns pelos padrões de hoje; é raro elas aparecerem na mesma pessoa. A maioria das mulheres seriam excluídas apenas considerando-se se é encontrada “instrução fiel” (v. 26, NIV)<sup>10</sup> em suas línguas. Em outras palavras, parece que o erudito lê demais a passagem com as mulheres de hoje em mente.

<sup>9</sup> Derek Kidner, *Tyndale Old Testament Commentaries: Proverbs*; Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1964; p. 184.

<sup>10</sup> Nota do tradutor: “Fala com sabedoria e ensina com amor” (NVI). “Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua” (RA); “Abre a boca com sabedoria, e a lei da beneficência *está* na sua língua” (RC).

Todavia, nenhuma das tarefas descritas é sobre-humana em natureza, e inerentemente impossível para uma mulher realizar – exceto que ela “teme ao SENHOR”, que pode ser um resultado somente da graça e eleição de Deus. Ao invés de dizer que a passagem “pressupõe dons incomuns”, deveríamos admitir que ela pressupõe instrução e treinamento responsável por parte dos pais.

Dito isso, concordo que, na prática, as demandas sobre a esposa podem ser diferentes de acordo com a variação dos “recursos materiais” envolvidos. Nem toda esposa tem a oportunidade e responsabilidade de gerenciar mansões, fazendas, servos e bens imobiliários. Mas o princípio dentro de toda família permanece o mesmo – a esposa deve ser uma auxiliadora capaz para o seu marido, na extensão em que haja bens e tarefas nos quais ela possa ajudá-lo.

Portanto, ao invés do enganoso, “o padrão dessa senhora não deve ser entendido como estando ao alcance de todas”, deveríamos dizer que as habilidades reais dessa senhora não são exigidas em toda família. A declaração do erudito é enganosa, visto que ignora o ponto da passagem – esse é o tipo de esposa que o homem deveria procurar, isto é, alguém que seja competente em ajudar o marido com seus deveres e bens. E uma pessoa deveria provavelmente pensar duas vezes antes de se casar com alguém que ele saiba não ser de muita ajuda para ele.

Novamente, a passagem é direcionada aos *homens* como direção sobre com que tipo de mulher se casar, de forma a excluir aquelas que não são qualificadas, e não primeiramente para mulheres lerem como algo a aspirar, embora isso possa ser um bom uso do texto também. Até mesmo o escritor admite que tal mulher era rara naquele período: “Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de rubins” (v. 10, RC). Ninguém jamais disse que o tipo de mulher descrito aqui é comum. A declaração acima do comentarista, portanto, perde o ponto da questão, e tenta incluir candidatas cuja intenção da passagem é excluir.

Agora, essa mulher é caracterizada por diligência: “Trabalha com as mãos... antes de clarear o dia ela se levanta... entrega-se com vontade ao seu trabalho... e a sua lâmpada fica acesa durante a noite. Nas mãos segura o fuso e com os dedos pega a roca... Cuida dos negócios de sua casa e não dá lugar à preguiça” (v. 13, 15, 17-19, 27). Mas ela é diligente com respeito a um tipo específico de trabalho; isto é, “cuida dos negócios de sua casa”.

Não é que não existam mulheres diligentes hoje, mas elas estão trabalhando duro somente para alcançar suas ambições pessoais, e não o benefício do seu marido ou família. Visto que ela e seu marido gastam muito tempo promovendo suas respectivas carreiras, *ninguém* cuida dos negócios da casa. Em contraste, uma mulher de “caráter nobre” é diligente por causa da sua fidelidade e amor ao seu marido e família.

Embora seja uma discussão útil, aqui não é o lugar para expor plenamente a carreira de uma mulher. A ênfase deve ser colocada sobre sua motivação e agenda; isto é, a despeito dela estar buscando uma carreira pessoal, suas prioridades estão estruturadas ao redor do seu marido e família, ou de si mesma? Ao listar um pouco da responsabilidade da mulher nesse respeito, Martha Peace diz à mulher,

Coloque-o acima dos filhos, seus pais, amigos, emprego, senhoras dos estudos bíblicos, etc... Reorganize desejosa e alegremente sua programação para ele quando necessário... Faça o que puder para fazer parecer que ele é bom e realiza os objetivos. Alguns exemplos são se oferecer a fazer pequenas coisas para ele, organizar seu dia para estar disponível para ajudá-lo nos projetos dele... Considere o trabalho dele (emprego, objetivos, hobbies, trabalho para o Senhor) como mais importante que o seu... Pense nas formas específicas que você pode ajudá-lo a realizar os objetivos dele. Exemplos são levantar cedo nas manhãs para ajudá-lo ir ao trabalho tendo experimentado um bom café da manhã, tomar cuidado em registrar recados para ele, antecipar qualquer necessidade que ele tenha para alcançar um objetivo específico, e registrar cuidadosamente o dinheiro gasto para preservar o orçamento... Perceba que assim como Deus é glorificado quando o homem o obedece, seu marido é glorificado quando você obedece ao seu marido”.<sup>11</sup>

Peace não assume que a esposa não possui nenhuma carreira, mas diz: “Coloque-o acima do... seu... emprego... Considere o trabalho dele... como mais importante que o seu”. Nesse ponto da nossa discussão, não é necessário determinar a legitimidade de uma mulher ter uma carreira, mas o ponto é se ela está disposta a colocar o trabalho e agenda do marido antes do seu. Qualquer resistência nessa área denuncia um caráter defeituoso da sua parte, e torna-a muito menos eficaz em ser uma auxiliadora para o seu marido.

Continuando com nossa passagem, essa mulher é caracterizada por previsão perspicaz: “Não teme por seus familiares quando chega a neve, pois todos eles vestem agasalhos... Reveste-se de força e dignidade; sorri diante do futuro” (v. 21,25). Ao invés de afligir-se com contingências futuras, ela pode “sorrir diante do futuro”. Mas sua previsão se estende além do lar: “Administra bem o seu comércio lucrativo... Ela avalia um campo e o compra; com o que ganha planta uma vinha” (v. 18,16). Tendo um sentido de negócio decente, ela *avalia* um campo e então o compra; ela pensa bem. E visto que “seu comércio é lucrativo”, ela é capaz de plantar uma vinha “com o que ganha”. Ela é capaz de trazer rendimentos adicionais para a casa, além daquele que o marido ganha.

Há outra qualidade que é particularmente importante para mim: “Fala com sabedoria e ensina com amor” (v. 26). Isso significa que ela é capaz de ensinar os filhos, e ter conversações frutíferas com seu marido. *Keil & Delitzsch* observa: “Tal instrução graciosa ela comunica agora a esse membro da sua família e depois àquele outro, pois nada que aconteça em sua casa escapa da sua observação”.<sup>12</sup> E Jay Adams escreve: “De fato, ela é bem versada no ensino bíblico e pode falar sabiamente a outros, incluindo seus filhos. Ela não é grosseira, sarcástica, de temperamento curto ou descuidada no falar”.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Martha Peace, *The Excellent Wife: A Biblical Perspective*; Bemidji, Minnesota: Focus Publishing Incorporated, 1999; p. 55-56.

<sup>12</sup> Keil and Delitzsch, Vol. 6; p. 488.

<sup>13</sup> Adams, p. 230.



Diferentes atmosferas dentro das casas, como definidas pelos maridos e circunstâncias, requer que as esposas sejam sábias com respeito a diferentes coisas. Por exemplo, porque meu trabalho na doutrina cristã é também meu maior e único interesse, frequentemente desfruto de diálogos com minha esposa que são altamente teológicos e filosóficos em natureza. As demandas intelectuais dessas conversações, incluindo uma precisão incomum de raciocínio e uso de palavras que passei a esperar também nas conversas diárias, são tais que a maioria das pessoas acharia tais demandas difíceis, se não irritantemente intoleráveis. Que ela é capaz de repetidamente mostrar-se à altura do desafio me traz tremendo deleite e prazer, e faz dela uma companhia verdadeiramente apropriada.

Uma mulher deveria ter a capacidade e conhecimento intelectual para discutir o trabalho do marido com ele, mesmo que seja apenas num nível elementar. Por exemplo, se o seu marido é um engenheiro, e, todavia, ela nunca foi treinada nessa área, seria útil para a relação deles que ela aprendesse algo sobre o assunto, suficiente para se engajar em conversações significantes com ele com respeito ao seu trabalho.

Sem entrar em quaisquer detalhes, isso se segue do ensino bíblico que a esposa deveria ser a companhia e confidente mais próxima do seu marido, de forma que ele não precisará de nenhum estranho para discutir seus pensamentos e planos mais íntimos. Devido à natureza pactual única do casamento, é anti-bíblico que uma esposa não seja ao mesmo tempo o melhor amigo do seu marido.

Visto que a carreira do marido ocupa muito do seu tempo, a habilidade da esposa para ser uma companhia e auxiliadora para ele será limitada se ele for incapaz de compartilhar seus triunfos e desapontamentos com ela. Eu diria que o reverso também é verdadeiro, que o marido deveria aprender algo com respeito ao trabalho da esposa. Dito isso, todos os cristãos deveriam ser capazes de discutir teologia, se nada mais (Deuteronômio 11:18-21; Josué 1:8; Malaquias 3:16-18).

Não exaurimos o conteúdo dessa passagem, mas terminaremos com sua própria descrição dessa mulher maravilhosa: “A beleza é enganosa, e a formosura é passageira; mas a mulher que teme o Senhor será elogiada” (v. 30). Todas as qualidades positivas listadas com respeito a ela têm como seu fundamento o temor do Senhor. Da mesma forma, as últimas duas características que propus nesse estudo – obediência e competência – dependem totalmente da primeira característica de reverência. Uma mulher irreverente (ou homem, quanto a isso) não é boa para nada. Mas quando as obras de uma mulher fluem de sua atitude adoradora para com Deus, “seu marido tem plena confiança nela e nunca lhe falta coisa alguma. Ela só lhe faz o bem, e nunca o mal, todos os dias da sua vida” (v. 11-12). “A beleza é enganosa, e a formosura é passageira” – somente a “beleza imperecível demonstrada num espírito dócil e tranqüilo... é de grande valor aos olhos de Deus” (1 Pedro 3:4, NIV).

Há várias coisas que alguém pode observar para descobrir se uma mulher particular possui as qualidades de reverência, obediência e competência. Com respeito à reverência, a pessoa precisa considerar se ela exhibe sinais de genuína regeneração e conversão. É importante que ela demonstre uma disposição consistente em alterar seu pensamento e estilo de vida para se conformar melhor ao ensino bíblico. Uma avidez em estudar e obedecer a Escritura deveria ser evidente. Preferencialmente,

oportunidades serão concedidas ao homem para observá-la sob pressões de vários tipos, visto que tais ocasiões frequentemente expõem uma fé falsa ou temporária: “Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona” (Mateus 13:20-21). Lembre-se, no mínimo irreduzível, uma mulher deve satisfazer a definição bíblica de um cristão antes de ser considerada uma candidata ao casamento.

Quanto à obediência, será difícil acertar diretamente de início se uma mulher se submeterá ou não ao marido em particular. Contudo, pode-se inferir com certa exatidão observando se ela obedece às autoridades legítimas sob as quais ela vive atualmente. Por exemplo, ela obedece ao governo (Romanos 13:1-5), seus pais (Efésios 6:1-3), pastor (Hebreus 13:17) e patrão (1 Pedro 2:18-19)?<sup>14</sup> Qual é a sua atitude geral para com as regras e restrições? Ela tende a seguir instruções verbais com atenção, ou frequentemente se desvia delas? Se parece que ela tem problemas em se submeter à maioria das formas de autoridade, então pode ser difícil também para ela obedecer ao seu marido após o casamento.

Agora, um homem não tem a plena autoridade de um marido sobre a mulher antes do casamento. Contudo, uma vez que é certo que os dois se casarão, uma versão semelhante, porém não plena, da estrutura de autoridade deveria começar a emergir. Esse é o porquê muitas decisões, com respeito à vida após o casamento, devem ser feitas antes do casamento, tais como a localidade da residência. Seria fútil permitir que a decisão final ficasse com o marido somente após o casamento, visto que ele teria então a autoridade para mudar qualquer decisão feita antes do casamento de qualquer jeito.

Portanto, embora o marido receba autoridade plena somente após o casamento, uma mulher deveria começar a mostrar consideração, se não completa obediência, para com seu noivo mesmo antes do casamento. Isso criará também uma oportunidade para o homem antecipar a atitude da mulher uma vez que tenham se casado. Todavia, antes do casamento, a obediência da mulher é devida primeiramente ao seu pai (Números 30:3-15).

A competência é provavelmente avaliada mais facilmente, visto que há muitos sinais externos que alguém pode esperar. O homem deveria observar se a mulher tende a ser organizada, limpa, pontual e inteligente. Habilidades sobre-humanas certamente não são esperadas, de forma que o homem não deveria ser excessivamente exigente, mas sim olhar para tendências gerais. É essencial para a mulher ser capaz de entender e seguir instruções verbais, especialmente da parte de autoridades a quem ela deve obediência atualmente.

Capacidades de comunicação mínimas, suficiente para que ela possa transmitir seus pensamentos de uma maneira coerente, são exigidas. Sem elas, um diálogo significativo com o marido fica difícil, e fornecer instruções necessárias para as crianças pode se tornar impossível. Capacidades básicas na administração do lar,

---

<sup>14</sup> Após o casamento, a mulher não está mais obrigada a obedecer aos seus pais, mas sim ao seu marido. Os pais de ambos não têm nenhuma autoridade sobre a nova família.



contabilidade, costura e culinária também deveriam estar presentes. Outros itens deveriam ser adicionados à lista à medida que a agenda do marido para a família assim requeira.

Com tais altos padrões, alguém pode estar em desespero se algum dia encontrará uma mulher qualificada. Embora devamos aprender a descrição bíblica de uma esposa cristã, e seja útil listar itens definidos para o leitor considerar, a Escritura também explica que a raridade de tais indivíduos superiores é devido ao efeito do pecado. A única chance da pessoa encontrar uma esposa legítima é entre aquelas que foram verdadeiramente convertidas e transformadas pelo poder do evangelho. Mas com a percepção de que todo cristão, mesmo aqueles cuja profissão de fé é genuína, estão crescendo na santificação, deve-se permitir certas deficiências em seus parceiros potenciais para o casamento.

Portanto, o exposto acima serve somente para ajudar o leitor a observar tendências gerais numa mulher, e assim inferir a probabilidade de ter um casamento bem sucedido com ela. Em adição, algumas coisas que estejam atualmente ausentes numa pessoa podem ser desenvolvidas após o casamento, de forma que não há nenhuma razão para esperar até achar uma mulher com nenhum defeito, ou se iludir que tal mulher exista. Todavia, nenhuma promessa de desenvolvimento positivo é possível, a menos que a mulher já tenha sido verdadeiramente convertida.

Para abordar uma questão que pode ter chegado à mente do leitor, visto que isso é supostamente um estudo das características de uma esposa bíblica, eu dei pouco lugar à importância do amor romântico e preferências pessoais na relação entre um homem e uma mulher. Não é importante para o homem gostar da mulher para casar-se com ela? Isso é indubitavelmente uma consideração legítima, e o silêncio sobre essa questão no presente estudo não deve ser tomado como uma negação do seu papel. O fato é que nosso propósito simplesmente nos impediu de investigar a fundo esse aspecto da questão. Também, o caso contra o tipo de namoro praticado pela maioria dos indivíduos também foi excluído desse estudo, embora seja um tópico muito crucial também.

A Bíblia diz que uma boa esposa é difícil de ser encontrada: “Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor muito excede o de rubins” (Provérbios 31:10, RC). Ela é reverente, obediente e competente – ela adora a Deus como o Senhor sobre todos; ela obedece ao seu marido como o cabeça do lar; ela cumpre seu papel como auxiliadora do seu marido. Em nossos dias, a maioria das mulheres são irreverentes, desobedientes e incompetentes; se alguém puder encontrar uma esposa que sequer se encaixe remotamente na descrição bíblica, ele saberá que de fato foi favorecido pelo Senhor.

Isso significa que ninguém pode casar com uma mulher, a menos que ela tenha todas as características acima? Não – como mencionado, tecnicamente tudo que ela precisa ser é uma cristã verdadeira para o casamento ser permissível. Mas como o Gato de Cheshire disse para Alice, se tudo o que alguém deseja é chegar a “algum lugar”, então realmente não importa que caminho ele tome. Se não há nenhum fim definido, então um caminho é tão bom quanto qualquer outro.

Contudo, se um homem designa um propósito nobre para o seu casamento, as opções irão conseqüentemente se reduzir, visto que o meio para esse fim deve também ser igualmente digno. O propósito bíblico para o casamento, entre outras coisas, tem em vista a glória de Deus no presente, bem como o estabelecimento de uma herança piedosa para gerações subseqüentes seguir. Dada essa magnificente agenda, não mais é verdade que qualquer mulher cristã servirá; antes, ela deve ser reverente, obediente e competente.

## 5. TEOLOGIA DE GUERRA

Uma teologia completa de guerra deve responder várias perguntas: Qual o papel de Deus na guerra? Deus causa a guerra, e se sim, em que sentido ele a causa?<sup>1</sup> Qual é o lugar do pecado humano na guerra? Qual é o propósito da guerra? Quando e como a guerra terminará? Quais os princípios éticos que os cristãos devem considerar em relação à guerra? Assim como com quase qualquer outra doutrina, uma teologia de guerra está inevitavelmente relacionada com as doutrinas da soberania divina, pecado humano, escatologia e várias outras. E se fossemos aplicar nossas formulações teológicas, isto também afetaria nossa visão com respeito à história, sociologia e ciência de guerra.

Dito isso, nosso objetivo presente é bem limitado. Eu pretendo somente esclarecer uma pergunta, a saber, “é alguma vez correto lutar?” – isto é, se a teologia cristã produz uma ética que proíba todas as guerras. Baseados em várias passagens bíblicas, muitos têm corretamente chegado ao entendimento de que o Cristianismo é essencialmente uma religião não-violenta. Mas a partir disto, muitos têm deduzido também que todas as formas de força física destrutiva estão excluídas pela fé cristã. Na área da guerra, a posição cristã se torna então uma de pacifismo religioso, que mantém que é imoral ou pecaminoso para o cristão participar de qualquer guerra. A Bíblia não conhece nenhuma teoria de “guerra justa” que permita o porte de armas por cristãos, para tirar a vida de outros.

Nas páginas seguintes, apresentarei alguns registros bíblicos sobre o assunto, e então continuarei para formular uma síntese a fim de responder a pergunta de se é correto lutar ou não lutar, mesmo para o cristão, ou se a Bíblia prescreve o pacifismo como uma necessidade moral. No processo, produziremos também algumas conclusões com respeito ao uso da força na autodefesa pessoal. Devido à quantidade de passagens a serem citadas, e para preservar a brevidade, nenhuma exposição detalhada será fornecida para cada uma das passagens bíblicas. Em todo caso, a relevância da maioria das passagens será evidente, e naquelas que não forem, as mesmas serão brevemente explicadas.

O Antigo Testamento relata várias ocasiões nas quais o povo de Deus entrou na guerra com sua aprovação ou ordem explícita:

Sucedeu que os amalequitas vieram atacar os israelitas em Refidim. Então Moisés disse a Josué: “Escolha alguns dos nossos homens e lute contra os amalequitas. Amanhã tomarei posição no alto da colina, com a vara de Deus em minhas mãos”. Josué foi então lutar contra os amalequitas, conforme Moisés tinha ordenado. Moisés, Arão e Hur, porém, subiram ao alto da colina. Enquanto Moisés mantinha as mãos erguidas, os israelitas venciam; quando, porém, as abaixava, os amalequitas venciam. Quando as mãos de Moisés já estavam cansadas, eles

<sup>1</sup> Alguns insistirão que Deus não causa nenhuma guerra, ou nenhum mal natural ou moral; contudo, o ensino bíblico dita que consideremo-lo como a causa última de tudo. João Calvino diz: “As guerras não se levantam acidentalmente, ou por um arranjo dos homens, mas pela ordem de Deus... Todas as guerras são provocadas pela ordem de Deus, e... os soldados estão armados conforme sua vontade” (J. Graham Miller, *Calvin's Wisdom*; Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust; p. 375).

pegaram uma pedra e a colocaram debaixo dele, para que nela se assentasse. Arão e Hur mantiveram erguidas as mãos de Moisés, um de cada lado, de modo que as mãos permaneceram firmes até o pôr-do-sol. E Josué derrotou o exército amalequita ao fio da espada. Depois o SENHOR disse a Moisés: “Escreva isto num rolo, como memorial, e declare a Josué que farei que os amalequitas sejam esquecidos para sempre debaixo do céu”. Moisés construiu um altar e chamou-lhe “o SENHOR é minha bandeira” (Êxodo 17:8-15).

Depois da morte de Moisés, servo do SENHOR, disse o SENHOR a Josué, filho de Num, auxiliar de Moisés: “Meu servo Moisés está morto. Agora, pois, você e todo este povo preparem-se para atravessar o rio Jordão e entrar na terra que eu estou para dar aos israelitas. Como prometi a Moisés, todo lugar onde puserem os pés eu darei a vocês. Seu território se estenderá do deserto ao Líbano, e do grande rio, o Eufrates, toda a terra dos hititas, até o mar Grande, no oeste. Ninguém conseguirá resistir a você todos os dias da sua vida. Assim como estive com Moisés, estarei com você; nunca o deixarei, nunca o abandonarei (Josué 1:1-5).

Nem todas as guerras do Antigo Testamento foram lutadas em autodefesa, mas algumas foram iniciadas mediante ordem de Deus ao seu povo, de acordo com seus planos e propósitos. Quando o rei Saul, tendo misericórdia da vida do Rei Agague, fracassa em cumprir plenamente as instruções de Deus, Samuel se apressa para completar a missão: “Samuel, porém, disse: ‘Assim como a sua espada deixou mulheres sem filhos, também sua mãe, entre as mulheres, ficará sem o seu filho’. E Samuel despedaçou Agague perante o SENHOR, em Gilgal” (1Samuel 15:33).

Mais de uma vez, quando o povo de Deus o inquiria a respeito de decisões militares, ele respondeu com aprovação e promessa, e às vezes até mesmo forneceu a estratégia que levaria à vitória:

Quando Davi e seus soldados chegaram a Ziclague, no terceiro dia, os amalequitas tinham atacado o Neguebe e incendiado a cidade de Ziclague. Levaram como prisioneiros todos os que lá estavam: as mulheres, os jovens e os idosos. A ninguém mataram, mas os levaram consigo, quando prosseguiram seu caminho. Ao chegarem a Ziclague, Davi e seus soldados encontraram a cidade destruída pelo fogo e viram que suas mulheres, seus filhos e suas filhas tinham sido levados como prisioneiros. Então Davi e seus soldados choraram em alta voz até não terem mais forças. As duas mulheres de Davi também tinham sido levadas: Ainoã, de Jezreel, e Abigail, de Carmelo, a que fora mulher de Nabal. Davi ficou profundamente angustiado, pois os homens falavam em apedrejá-lo; todos estavam amargurados por causa de seus filhos e de suas filhas. Davi, porém, fortaleceu-se no SENHOR, o seu Deus. Então Davi disse ao sacerdote Abiatar, filho de Aimeleque: “Traga-

me o colete sacerdotal”. Abiatar o trouxe a Davi, e ele perguntou ao SENHOR: “Devo perseguir esse bando de invasores? Irei alcançá-los?” E o SENHOR respondeu: “Persiga-os; é certo que você os alcançará e conseguirá libertar os prisioneiros” (1Samuel 30:1-8).

Então o Espírito do SENHOR veio sobre Jaaziel, filho de Zacarias, neto de Benaia, bisneto de Jeiel e trineto de Matanias, levita e descendente de Asafe, no meio da assembleia. Ele disse: “Escutem, todos os que vivem em Judá e em Jerusalém e o rei Josafá! Assim lhes diz o SENHOR: ‘Não tenham medo nem fiquem desanimados por causa desse exército enorme. Pois a batalha não é de vocês, mas de Deus. Amanhã, desçam contra eles. Eis que virão pela subida de Ziz, e vocês os encontrarão no fim do vale, em frente do deserto de Jeruel. Vocês não precisarão lutar nessa batalha. Tomem suas posições, permaneçam firmes e vejam o livramento que o SENHOR lhes dará, ó Judá, ó Jerusalém. Não tenham medo nem desanimem. Saiam para enfrentá-los amanhã, e o SENHOR estará com vocês’”. Josafá prostrou-se, rosto em terra, e todo o povo de Judá e de Jerusalém prostrou-se em adoração perante o SENHOR (2Crônicas 20:14-18).

E disse o Senhor a Josué: “Não tenha medo! Não desanime! Leve todo o exército com você e avance contra Ai. Eu entreguei nas suas mãos o rei de Ai, seu povo, sua cidade e sua terra. Você fará com Ai e seu rei o que fez com Jericó e seu rei; e desta vez vocês poderão se apos-sar dos despojos e dos animais. Prepare uma emboscada atrás da cidade” (Josué 8:1-2).

Davi até mesmo adicionou no Salmo 144:1: “Bendito seja o Senhor, a minha Rocha, que treina as minhas mãos para a guerra e os meus dedos para a batalha”. Mas além de dirigir o seu povo sobre como guerrear, o Antigo Testamento retrata o próprio Deus como um guerreiro poderoso, um participante ativo na guerra, conquistando seus inimigos:

O SENHOR é guerreiro, o seu nome é SENHOR (Êxodo 15:3).

Sempre que a arca partia, Moisés dizia: “Levanta-te, ó SENHOR! Sejam espalhados os teus inimigos e fujam de diante de ti os teus adversários” (Números 10:35).

Os carros de Deus são incontáveis, são milhares de milhares; neles o Senhor veio do Sinai para o seu Lugar Santo. Quando subiste em triunfo às alturas, ó Senhor Deus, levaste cativos muitos prisioneiros; recebeste homens como dádivas, até mesmo rebeldes, para estabeleceres morada (Salmos 68:17-18).

O Senhor sairá como homem poderoso, como guerreiro despertará o seu zelo; com forte brado e seu grito de guerra, triunfará sobre os seus inimigos (Isaías 42:13).

Exemplo para todos os tipos de passagens bíblicas citadas acima podem ser amplamente multiplicados. Mas para que o leitor não se tome impaciente com tantas citações, e para deixar lugar para registros do Novo Testamento, procederemos agora para a próxima seção.

O Novo Testamento não contém o tipo de passagens que aborda o tópico de guerra com o Antigo Testamento faz, mas este relativo silêncio não se traduz em agnosticismo sobre o assunto para o cristão. Ao invés de afirmar uma falsa teologia dispensacionalista que divide o Antigo e Novo Testamento, afirmamos que o silêncio no Novo implica concórdia com o Antigo. O público leitor popular, submetido à lavagem cerebral com uma teologia pobre, frequentemente assume uma dicotomia rígida entre o Antigo e Novo Testamento, enquanto a própria Bíblia afirma a unidade e continuidade essencial dos dois.

Portanto, concordamos com a avaliação de Loraine Boettner: “Não há absolutamente nenhuma dúvida que as guerras do Antigo Testamento foram sancionadas como um meio de obter fins justos... Quando corretamente entendidos, os dois Testamentos são suplementares, não contraditórios. O silêncio do Novo Testamento sobre o assunto da guerra aparentemente reside na suposição que o assunto foi adequadamente tratado e não precisa de nenhuma adição ou modificação”.<sup>2</sup>

Note que nossa pergunta é, “é alguma vez correto lutar?”, e não quão frequentemente é correto lutar, ou sob quais condições a guerra é justificada. Procedemos com o reconhecimento que a visão de guerra do Novo Testamento é semelhante ao do Antigo. Nossa interação com o Novo Testamento consistirá principalmente em mostrar que o ensino de Jesus e dos apóstolos não leva ao pacifismo, nem altera a visão de guerra como apresentada no Antigo Testamento, e assim, fornece uma resposta afirmativa à nossa pergunta, ou seja, que *algumas vezes* é correto lutar.

Um dos versículos bíblicos mais citados em suporte do pacifismo é Mateus 5:39, onde Jesus diz: “Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra”. Mas devemos ser sensíveis ao uso da linguagem hiperbólica no ensino de Jesus. Este versículo aparece num contexto onde Jesus também diz: “Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno. E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno” (Mateus 5:29-30).

Portanto, o versículo 39 também pode ser interpretado com a possibilidade em mente que Jesus emprega uma hipérbole. O ponto do versículo é falar contra vingar-se de ofensas e insultos pessoais, e não constitui uma recepção aberta de abuso em cada

---

<sup>2</sup> Loraine Boettner, *The Christian Attitude Toward War*; Phillipsburg, New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1985; p. 18-19.



tipo de situação. É verdade que algumas pessoas parecem considerar como figurativas as passagens bíblicas que elas recusam aceitar, de forma que a Escritura perde sua reivindicação sobre suas almas. Contudo, isto não é feito quando dizemos que o versículo 39 é hiperbólico, visto que o comportamento de Jesus e Paulo dá evidência deste entendimento:

Enquanto isso, o sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e dos seus ensinamentos. Respondeu-lhe Jesus: “Eu falei abertamente ao mundo; sempre ensinei nas sinagogas e no templo, onde todos os judeus se reúnem. Nada disse em segredo. Por que me interrogas? Pergunta aos que me ouviram. Certamente eles sabem o que eu disse”. Quando Jesus disse isso, um dos guardas que estava perto bateu-lhe no rosto. “Isso é jeito de responder ao sumo sacerdote?”, perguntou ele. Respondeu Jesus: “Se eu disse algo de mal, denuncie o mal. Mas se falei a verdade, por que me bateu?” (João 18:19-23).

Paulo, fixando os olhos no Sinédrio, disse: “Meus irmãos, tenho cumprido meu dever para com Deus com toda a boa consciência, até o dia de hoje”. Diante disso o sumo sacerdote Ananias deu ordens aos que estavam perto de Paulo para que lhe batessem na boca. Então Paulo lhe disse: “Deus te ferirá, parede branqueada! Estás aí sentado para me julgar conforme a lei, mas contra a lei me mandas ferir?” (Atos 23:1-3)

Nenhum deles “ofereceu a outra face”, mas se protegeram contra a violência injusta dirigida contra eles. Como isto se reconcilia com Mateus 5:9 para produzir um princípio sobre como reagir quando sofremos abuso não direi aqui, mas que seja sabido que o Sermão do Monte não ensina que uma pessoa sempre deve não reagir, ou mesmo ter uma reação positiva, quando diz respeito à crueldade e insulto injusto.

Exceto para as almas irreverentes que suporiam que Jesus e os apóstolos<sup>3</sup> poderiam agir hipocritamente, seus exemplos servem para ilustrar como podemos entender as passagens relevantes na Bíblia. Assim, Êxodo 20:12 não contradiz Mateus 8:22, e então observe também Marcos 7:10-13.<sup>4</sup> O princípio importante é permitir que a Escritura interprete a Escritura, de forma a deixar específico e explícito o significado de um determinado versículo.

Em adição, Mateus 5:39 aplica-se à injustiça pessoal, e não proíbe automaticamente as ações militares, a pena de morte ou a defesa pessoal. Frequentemente, o versículo tem sido usado contra todas estas coisas, *exceto* para promover paciência quando sofrendo insultos e ofensas pessoais. Boettner explica:

<sup>3</sup> Os apóstolos e profetas eram infalíveis somente sob inspiração divina. Veja Gálatas 2:11.

<sup>4</sup> “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o SENHOR, o teu Deus, te dá” (Êxodo 20:12); “Outro discípulo lhe disse: ‘Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai’ Mas Jesus lhe disse: ‘Siga-me, e deixe que os mortos sepulsem os seus próprios mortos’” (Mateus 8:21-22). “Pois Moisés disse: ‘Honra teu pai e tua mãe’ e ‘Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado’. Mas vocês afirmam que se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: ‘Qualquer ajuda que vocês poderiam receber de mim é Corbã’, isto é, uma oferta dedicada a Deus, vocês o desobrigam de qualquer dever para com seu pai ou sua mãe. Assim vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram. E fazem muitas coisas como essa” (Marcos 7:10-13).

“Se somos verdadeiramente cristãos, viveremos vidas abnegadas, nem sempre buscando vindicar nossa própria insignificante dignidade, mas retornando o mal com bem... Uma quantia razoável de paciência da nossa parte, juntamente com a manifestação de um bom motivo, fará de tudo para suavizar as dificuldades”.<sup>5</sup> Isto parece estar mais próximo do significado pretendido por Jesus do que a interpretação de pacifismo, e não exclui o uso de forças físicas por razões de justiça retributiva ou segurança nacional.

Lucas diz que João o Batista “percorreu toda a região próxima ao Jordão, pregando um batismo de arrependimento para o perdão dos pecados” (Lucas 3:3). Enquanto dando instruções para o viver piedoso direcionadas a grupos específicos de pessoas, alguns soldados lhe perguntaram: “E nós, o que devemos fazer?”. Se haveria de existir uma oportunidade para João falar contra o serviço militar, seria esta – e ele sabia que os soldados romanos lutavam guerras e matavam pessoas. Ele responde: “Não pratiquem extorsão nem acusem ninguém falsamente; contentem-se com o seu salário” (v. 14). Embora os advertindo dos pecados e tentações que frequentemente lhes cercavam, ele não fala nada diretamente contra a profissão deles, e não os chama de assassinos por serem soldados.

Tendo mencionado o assassinato em conexão com a guerra, tratemos agora com o argumento dos pacifistas contra todas as guerras a partir do sexto mandamento: “Não matarás” (Êxodo 20:13). Traduzir a palavra hebraica *rasah* (ou *ratsach*) como “matar” tem sido a fonte de muita confusão com respeito ao estabelecimento da visão cristão sobre a guerra, pena de morte e defesa pessoal. A NIV declara apropriadamente o mandamento como: “Não assassinarás”.<sup>6</sup> William White endossa esta última tradução como “uma leitura mais precisa do que o generalíssimo ‘não matarás’ da versão King James”.<sup>7</sup>

Eu defino assassinato como o matar injustificado de outro ser humano; um matar justificado seria um sancionado pelos preceitos bíblicos. Quando falamos de justificação para uma ação, nos referindo a razões intelectuais suficientes para estabelecer o ato como moralmente bom ou aceitável. Se matar outro ser humano requer que tal justificação esteja presente na mente daquele que mata, então o assassinato não é mais principalmente um ato físico, mas é tanto intelectual em natureza como físico. Que a definição proposta requer uma justificação moral consciente na mente daquele que mata é consistente com Mateus 5:22 e 1João 3:15,<sup>8</sup> que faz da pessoa que ataca, com um intento injustificado de matar, um assassino aos olhos de Deus, mesmo que sua vítima sobreviva.<sup>9</sup>

Há aqueles que desejam adotar uma definição muito ampla, e podem alegar que o proposto acima importa informação e conceitos alheios ao mandamento em si.

<sup>5</sup> Ibid., p. 20.

<sup>6</sup> Nota do tradutor: Por sua vez, a NVI traz: “Não matarás”.

<sup>7</sup> R. Laird Harris, editor, *Theological Wordbook of the Old Testament*, Vol. 2; Chicago: Moody Press, 1980; p. 860.

<sup>8</sup> “Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno” (Mateus 5:22); “Quem odeia seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem a vida eterna em si mesmo” (1João 3:15).

<sup>9</sup> Uma pessoa que acidentalmente mata outra ainda deve ser considerada responsável, mas não é o mesmo que assassinato. Veja Números 35:10-15.

Eles desejam entender que o versículo diz que qualquer matar, ou pelo menos qualquer matar intencional,<sup>10</sup> de outro ser humano constitui assassinato. Contudo, se nossos oponentes desejam tomar as palavras do mandamento em seu valor nominal, sem entendê-las à luz do restante da Escritura, então até mesmo o matar de uma bactéria pode ser considerado imoral, visto que o versículo não exclui isto em virtude das palavras utilizadas.

Mas uma vez que permitamos o conhecimento de outras partes da Bíblia, vemos que Deus permite pelo menos a matança de animais para alimento: “Todos os animais da terra tremerão de medo diante de vocês: os animais selvagens, as aves do céu, as criaturas que se movem rente ao chão e os peixes do mar; eles estão entregues em suas mãos. Tudo o que vive e se move servirá de alimento para vocês. Assim como lhes dei os vegetais, agora lhes dou todas as coisas” (Gênesis 9:2-3).<sup>11</sup>

Matar um animal, portanto, não é assassinato; matar um animal que pertence a outro sem sua permissão ainda não é assassinato, mas somente roubo, que é sério o suficiente em si mesmo. Deus fornece instruções para o tratamento de animais e adverte contra abuso, e Provérbios 12:10 diz: “O justo cuida bem dos seus rebanhos”; todavia, até mesmo um homem justo pode matar seus animais para colocar alimento sobre a mesa, e não ter cometido nenhum assassinato.

Em Gênesis 9:6, Deus restringe a definição de assassinato à matar seres humanos devido ao fato deles terem sido criados à imagem divina: “Quem derramar *sangue do homem*, pelo homem seu sangue será derramado; porque à imagem de Deus foi o homem criado”. Aqui, como elucidado em outras partes da Bíblia, Deus institui a pena de morte como a compensação justa para o assassinato. Mas se a pena de morte fosse em si mesma assassinato, seria requerido que o executor fosse executado também, e quem quer que executasse o primeiro executor também seria um assassino, e assim *ad infinitum*. O ensino bíblico é que não é assassinato realizar uma execução justa de um criminoso, que merece o tal de acordo com os preceitos divinos. E assim, o assassino deve ser morto, e o executor não é dessa forma moralmente culpado aos olhos de Deus.

Pelo mesmo princípio, nem todas as guerras envolvem assassinato, visto que algumas são divinamente sancionadas, quer por revelação especial ou pelos preceitos morais da Escritura. Alguém pode questionar se a matança individual *injustificada* de outros seres humanos no contexto de guerra – tais como cidadãos, estrangeiros e crianças – constitui assassinato. Esta é uma boa pergunta, mas não é tão simples e direta como pode parecer a princípio, e, portanto, não a discutiremos aqui.

O exposto acima demonstrou que a Escritura deve ser interpretada pela Escritura, e qualquer passagem deveria ser lida à luz de todo o escopo da revelação

---

<sup>10</sup> Algumas das mesmas pessoas que adotam esta definição ampla ainda não chamarão suicídio, eutanásia e aborto de assassinato, como se não fossem intencionais. Se adicionarmos o elemento de consentimento, então o que dizer de eutanásia no caso de alguém que esteja de coma? E, antes de tudo, tal consentimento é dado à pessoa? A Bíblia diz que nossos corpos pertencem a Deus. Eles pensam que o aborto não é nenhum problema se negarem a personalidade do feto. Mas incluir estes assuntos complicaria nossa presente discussão.

<sup>11</sup> A expressão “tudo o que vive e se move” certamente não inclui seres humanos, mas designa “os animais selvagens, as aves do céu, as criaturas que se movem rente ao chão e os peixes do mar”.

divina – nem fora de contexto, e frequentemente nem mesmo somente dentro do seu contexto imediato. Isto deveria ser encorajador o suficiente para os cristãos estudarem teologia sistemática dia e noite. Em todo caso, se nossos oponentes apenas tomassem seriamente a condenação absoluta da Bíblia contra coisas tais como homossexualismo, materialismo, adivinhação e religiões não-cristãs, o clima espiritual e moral da nossa sociedade melhoraria.

Antes de sua prisão, Jesus deu instruções aos seus discípulos: “Então Jesus lhes perguntou: ‘Quando eu os enviei sem bolsa, saco de viagem ou sandálias, faltou-lhes alguma coisa?’. ‘Nada’, responderam eles. Ele lhes disse: ‘Mas agora, se vocês têm bolsa, levem-na, e também o saco de viagem; e se não têm espada, vendam a sua capa e comprem uma’” (Lucas 22:35-36). Alguns pacifistas, mas provavelmente não muitos, tentam fazer da *espada* uma referência à “espada do Espírito” (Efésios 6:17), mas a bolsa, o saco, a capa e as sandálias também são espirituais? Se não, então nem a espada é espiritual, a menos que haja boa razão para crer de outra forma. Nem a espada representa uma atitude espiritual agressiva, como alguns dizem, visto que ninguém pode comprar uma atitude com o dinheiro ganho através da venda de uma capa.

Jesus está claramente dizendo aos seus discípulos para comprar armas para defesa pessoal. Embora ainda estivesse com eles quando os enviou para pregar, ele em breve se apartaria deles, e assim, eles são encorajados a obter as ferramentas apropriadas para a autopreservação, tais como sandálias e espadas. Da mesma forma, em termos dos preceitos morais de Deus, deveria ser permitido adquirirmos meios plausíveis pelo quais possamos assegurar nosso próprio bem-estar e proteção, embora na prática tal liberdade possa ser altamente regulada e restringida pelas leis da nação.

Logo após isso, Judas entrega Jesus nas mãos dos seus inimigos, e à medida que ele está sendo levado, Pedro<sup>12</sup> puxa sua espada e fere um dos homens: “Enquanto ele ainda falava, apareceu uma multidão conduzida por Judas, um dos Doze. Este se aproximou de Jesus para saudá-lo com um beijo. Mas Jesus lhe perguntou: ‘Judas, com um beijo você está traindo o Filho do homem?’. Ao verem o que ia acontecer, os que estavam com Jesus lhe disseram: ‘Senhor, atacaremos com espadas?’. E um deles feriu o servo do sumo sacerdote, decependo-lhe a orelha direita. Jesus, porém, respondeu: ‘Basta!’. E tocando na orelha do homem, ele o curou” (Lucas 22:47-51).

Contra nossa afirmação que Jesus permite o uso de força física em defesa pessoal como inferido a partir de sua instrução aos discípulos para obter armas, o pacifista objeta que Jesus imediatamente detém os discípulos de recorrer à violência, e cura aquele já ferido por Pedro. O relato de Mateus deste incidente adiciona: “Guarde a espada! Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão” (Mateus 26:52). Que a declaração de Jesus vem na forma de um provérbio é relevante para como ela pode ser interpretada e aplicada, mas podemos dar uma resposta adequada sem explorar este fato.

Podemos concordar que Jesus não queria que os discípulos se defendessem fisicamente contra aqueles que vieram para prendê-lo. Contudo, a passagem não pode ser usada para provar que Jesus proíbe todos os usos de armar na defesa pessoal. Em

---

<sup>12</sup> Veja João 18:10.

Lucas 22:38, lemos: “Os discípulos disseram: ‘Vê, Senhor, aqui estão duas espadas’. ‘É o suficiente!’, respondeu ele”. Alguns tentam tomar a exclamação de Jesus “é o suficiente” como expressando frustração para com a carência de aptidão espiritual dos discípulos, falhando em entender que ele se referia à espada do Espírito. Mas como já estabelecemos, nem a espada do Espírito nem a agressividade espiritual podem ser compradas com dinheiro obtido da venda da capa de alguém.

Agora, se “todos os que empunham a espada, pela espada morrerão” é pretendido como uma proibição universal contra a violência, mesmo em defesa pessoal, então Jesus poderia instruir os discípulos a desfazer-se de suas espadas – mas ele não o faz. Ele diz para Pedro: “Guarde a espada!” (Mateus 26:52), ao invés de descartá-la totalmente. Isto seria outra oportunidade perdida, caso Jesus não quisesse que os discípulos portassem quaisquer armas.

Finalmente, a razão óbvia para Jesus reprimir os discípulos está registrada no relato de João: “Jesus, porém, ordenou a Pedro: ‘Guarde a espada! Acaso não terei de beber o cálice que o Pai me deu?’” (João 18:11). Jesus vinha dizendo aos seus discípulos das coisas que ele deveria sofrer (Mateus 16:21), e está era uma situação onde a injustiça não deveria ser resistida: “Acaso não terei de beber o cálice que o Pai me deu?”. Portanto, a visão bíblica é que a força é permitida na defesa pessoal, e o exemplo da prisão de Jesus não contradiz isto.

Além do Sermão do Monte, onde Jesus instrui uma pessoa a “oferecer também a outra face”, a objeção mais popular contra usar força física é provavelmente sua ordem para “ame o seu próximo como a si mesmo” (Mateus 22:39). Quando falando de assassinato, vimos quão importante são as definições corretas; proponho que o pacifista neste caso está usando uma definição de amor que é alheia à Escritura. Assim como com a discussão anterior, devemos permitir que a Escritura interprete a Escritura, de forma que um conceito expresso num versículo possa ser definido e ilustrado por outras partes da Bíblia.

Primeiro, devemos insistir que amor e o uso de força física nas circunstâncias sancionadas biblicamente não são mutuamente exclusivos. Até mesmo o mandamento de Jesus para amar se origina no Antigo Testamento: “Não procurem vingança, nem guardem rancor contra alguém do seu povo, mas ame cada um o seu próximo como a si mesmo. Eu sou o SENHOR” (Levítico 19:18) – e não precisamos dizer o que o Antigo Testamento diz sobre guerra. Portanto, rejeitamos a falsa visão que o Novo Testamento ensina um “amor ético” que contradiz a “lei ética” do Antigo Testamento; pelo contrário, tanto o Antigo como o Novo Testamento ordenam que o povo de Deus ande em amor, e a definição de amor permanece a mesma.

Paulo define amor em Romanos 13:10, dizendo: “Portanto, o amor é o cumprimento da Lei”.<sup>13</sup> O amor não abole as leis morais de Deus, mas cumpre-as; ele realiza o que a lei ordena. Gálatas 5:14 diz que o amor é um *resumo* da lei, e não seu substituto: “Toda a Lei se resume num só mandamento: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’”. Um resumo que não resume nada não tem significado; o conceito cristão de amor depende das leis morais de Deus.

---

<sup>13</sup> 1Coríntios 13 contém uma descrição de amor, não uma definição.



Alguns dizem que se alguém anda em amor, ele não precisará obedecer conscientemente aos dez mandamentos – alguém que ama outro não o roubará. Contudo, sem já conhecer o mandamento para não roubar, como alguém sabe que é nisto que o amor implica? “Amor” por si mesmo não tem conteúdo inteligível, e permanece indefinido. O problema é que eles pensam em amor quase como uma força mística, mas se sim, não há nada para obedecer conscientemente.

Jesus diz: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos” (João 14:15). Andar em amor é obedecer às leis morais de Deus, incluindo os dez mandamentos. Note a profecia de Ezequiel com respeito à Nova Aliança: “Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei o meu Espírito em vocês *e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis*” (Ezequiel 36:26-27). Ao invés de ser liberto de todas as leis morais, o cristão recebe a capacidade para obedecê-las. E desta forma o amor é claramente definido – talvez de maneira desconfortável para os liberais e antonômicos.

Na mesma passagem onde Paulo declara “o amor não pratica o mal contra o próximo” (Romanos 13:10), ele também diz com respeito à imposição da lei: “Pois é serva de Deus para o seu bem. Mas se você praticar o mal, tenha medo, pois ela não porta a espada sem motivo. É serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal” (v. 4). Não há contradição se permitirmos a Bíblia definir amor, de forma que o versículo 4 exclua a idéia de não-violência absoluta do versículo 10. É óbvio que a definição de amor de muitas pessoas contradiz o versículo 4, e eles tentam lê-lo no versículo 10 e outros textos que mencionam o assunto.

A diferença na definição de amor gera um dos maiores mau entendimentos entre os incrédulos e cristãos informados, com os incrédulos sendo usualmente aqueles em falta. Eles tomam o mandamento bíblico para amar, e requerem que os cristãos se submetam a este mandamento usando a definição de amor do incrédulo. Mas estamos obrigados a amar somente como a Bíblia define o conceito. Embora os incrédulos possam ter uma definição de amor parecida com “afeição resultante em palavras e atos não-injurosos, não-ofensivos e não-ameaçadores”, o amor bíblico requer que obedecemos às leis morais de Deus, falemos a verdade em amor (Efésios 4:15), e “não participemos das obras infrutíferas das trevas; antes, exponhamo-las à luz” (Efésios 5:11).

Se os incrédulos desejam nos manter responsáveis por obedecer aos mandamentos bíblicos, eles devem então permitir também que creiamos e pratiquemos *tudo* da Bíblia, incluindo tomar uma atitude contra a homossexualidade, o aborto e as religiões não-cristãs – a partir da nossa perspectiva, isto não contradiz o mandamento para amar, visto que a mesma Bíblia as ordena. Embora a Bíblia diga “Deus é amor” (1João 4:8), ele também é aquele que envia os incrédulos para o inferno (Mateus 10:28). Verdade e justiça são totalmente consistentes com o conceito bíblico de amor. Se os incrédulos desejam definir amor diferentemente, eles podem fazê-lo somente baseado numa autoridade que demande nossa submissão – nossa autoridade é Deus, qual é a deles?

Alguns pacifistas crêem sinceramente que a Bíblia proíbe todas as formas de violência sob todas as circunstâncias; eles devem ser culpados por uma pobre exegese.



Contudo, há alguns que se importam pouco com o que a Bíblia realmente diz, mas desejam usá-la em suporte das suas pressuposições teimosas com respeito a tais assuntos.

Mas muitos pacifistas, especialmente os seculares, não são assim por um mal entendimento da Escritura, visto que eles nem mesmo a lêem; antes, eles aceitaram um princípio ideológico que nunca foi examinado, mas todavia, foi imposto sobre eles. Eles são como aqueles cuja objeção contra a religião é “eu recuso deixar que alguém que diga no que devo crer; quero pensar por mim mesmo”, quando este próprio princípio de pensamento independente foi lhe ensinado por seus pais e professores. Em efeito, eles estão simplesmente recusando ouvir a Deus, mas permanecem abertos a todo tipo de influência da sua cultura.

A instrução na sala de aula secular frequentemente equivale a: “Não deixe que ninguém, especialmente aqueles falando sobre a base de religião ou tradição, lhe diga no que crer; pensem por si mesmos. E nesta hora de palestra, estarei lhes dizendo como e no que vocês devem crer quando pensando por si mesmos”. Estudantes deveriam tentar se opor abertamente à evolução, homossexualismo e aborto na sala de aula, e ver simplesmente quão independente a maioria dos instrutores permitem que o seu pensamento seja. Ao invés de colocar uma pretensão de neutralidade e se orgulhar de um espírito de “livre pensamento”, os cristãos mantêm que submissão á autoridade na esfera intelectual é inevitável; a questão é à qual autoridade se submeter. Submeteremos nossos pensamentos a Deus, ou como nossos primeiros pais fizeram, nos tornaremos enlaçados nos enganos de Satanás enquanto pensando que alcançamos autonomia.

O pacifismo descuidado considerado aqui é mais evidente nos campus de faculdade, onde estudantes que não conhecem quase nada com respeito à política internacional e os detalhes com respeito aos confrontos específicos entre nações, se reúnem em grandes escalas para protestar contra guerras. Sabendo quão pequenos são, e embora protestando contra violência, eles, todavia, frequentemente terminam favorecendo uma nação, quando ambas as partes estão usando força física. E aquele lado contra o qual ele fica nem sempre é o que iniciou o conflito – frequentemente é apenas porque o mesmo está ganhando.

Este tipo de pacifismo, como muitas outras das opiniões de estudantes de faculdade, deve ser desrespeitada intelectualmente, mesmo que seja impossível para políticos ignorar. Ocasionalmente, uns poucos estudantes podem dar argumentos relativamente bons para suas visões, quer sobre pacifismo ou qualquer outro assunto. Mas estes são raros, e mesmo que fossemos ouvi-los, seria possível somente se estivessem dispostos a se distinguirem da multidão. Visto que não há nenhum lugar para uma teologia da multidão, concluiremos com o seguinte sumário.

O Antigo Testamento afirma positivamente que algumas guerras são justificadas, e o Novo Testamento não revoga esta posição. Quanto às guerras justificadas, devemos julgar sobre a base dos preceitos bíblicos. Não é contra os princípios morais divinos um cristão ser um soldado ou policial, e realizar matanças justificadas em linha com seu dever.

A Confissão de Westminster diz: “Aos cristãos é licito aceitar e exercer o ofício de magistrado, sendo para ele chamado; e em sua administração, como devem especialmente manter a piedade, a justiça, e a paz segundo as leis salutares de cada Estado, eles, sob a dispensação do Novo Testamento e para conseguir esse fim, podem licitamente fazer guerra, havendo ocasiões justas e necessárias” (Capítulo 23, Seção 2).<sup>14</sup>

Da mesma forma, Calvino escreve:

Dado que algumas vezes é necessário aos reis e aos príncipes fazer a guerra para pôr em execução esta vingança, poderemos por esta razão concluir que as guerras feitas com este fim são lícitas. Porque se ao rei se dá poder para conservar seu reino em paz e quietude, para reprimir aos sediciosos, prejudiciais à paz e inimigos dela, para socorrer aos que são vítimas da violência e para castigar aos malfeitores, podem empregar melhor seu poder do que destruindo os intentos de quem perturba tanto o repouso dos particulares como a paz e a tranqüilidade comum, promovendo sediciosamente tumultos, violências, opressões e outros danos? Se eles devem ser os guardiães e defensores das leis, sua obrigação e seu dever é destruir os intentos de todos os que, com sua injustiça, corrompem a disciplina das leis.

De fato, se com direito castigam aqueles ladrões cujas violações da justiça hajam acometido apenas a uns poucos, porventura permitirão que todo o país seja impunemente afligido e devastado por latrocínios? Pois, porventura não se faz diferença alguma se um rei ou alguém da mais baixa ralé invade a uma região alheia, em relação à qual nada tem de direito, e a oprime hostilmente, todos devem igualmente ser tidos por ladrões e ser punidos. Portanto, isto dita não apenas a equidade natural, mas também a natureza do corpo, que os príncipes são armados não apenas para que, com penas judiciárias, os malfeitos particulares sejam coibidos, mas também para que, pela guerra, os domínios confiados à sua proteção sejam defendidos, caso sejam a qualquer tempo hostilmente atacados. O Espírito Santo, igualmente, nos declara na Escritura que tais guerras são lícitas e justas” (Livro 4, Capítulo 20, Seção 11)<sup>15</sup>

O mandamento de Cristo para amar não proíbe o crente de usar força física, ou mesmo armas, pois o propósito é defender a si mesmo e sua família; todavia, deveria ser entendido que a força excessiva é excluída pelo mesmo mandamento. Aqui nos referimos à liberdade moral do cristão; a liberdade legal para praticar a defesa pessoal é frequentemente regulada e restringida pelas leis da nação.

Embora o pacifismo seja irreal e anti-bíblico, podemos simpatizar com aqueles que chegaram a esta visão devido aos efeitos traumáticos da guerra em suas famílias e relações; todavia, devemos manter que a Escritura afirma algumas guerras como tendo sanção divina, e assim, são justificadas.

<sup>14</sup> *The Book of Confessions*; Louisville, Kentucky: Presbyterian Church, USA, The Office of the General Assembly, 1999; p. 147.

<sup>15</sup> John Calvin, *Institutes of the Christian Religion*, Vol. 2; Philadelphia: The Westminster Press; p. 1499-1500. Nota do tradutor: Utilizei a tradução do Dr. Waldyr Carvalho Luz.